



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM**  
**PSICOLOGIA**

**ORIGEM PSÍQUICA DO CONFLITO ARMADO SOB O OLHAR DA**  
**PSICOLOGIA COMPLEXA**

**RICARDO DE QUEIRÓS BATISTA RIBEIRO**

Seropédica, RJ  
Fevereiro de 2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
PSICOLOGIA**

**ORIGEM PSÍQUICA DO CONFLITO ARMADO SOB O OLHAR DA  
PSICOLOGIA COMPLEXA**

**RICARDO DE QUEIRÓS BATISTA RIBEIRO**

*Sob a Orientação do Professor*

**Nilton Sousa da Silva**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), desenvolvida na linha de pesquisa Processos Psicossociais e Coletivos.

Seropédica, RJ  
Fevereiro de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R  
R484o Ribeiro, Ricardo de Queirós Batista, 1979-  
Origem psíquica do conflito armado sob o olhar da  
Psicologia Complexa / Ricardo de Queirós Batista  
Ribeiro. - 2019.  
80 f.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Psicologia, 2019.

1. conflito armado. 2. função religiosa. 3.  
possessão coletiva. 4. psicologia complexa. 5. Carl  
Gustav Jung. I. Silva, Nilton Sousa da, 1958-  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Psicologia III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código  
de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de  
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**RICARDO DE QUEIRÓS BATISTA RIBEIRO**

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), desenvolvida na linha de pesquisa Processos Psicossociais e Coletivos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Nilton Sousa da Silva – Prof. Dr. UFRRJ  
**Orientador**

---

Maria Claudia da Silva Vater da Costa Fiori – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. UFRJ  
**Banca Externa**

---

Valeria Marques de Oliveira – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. UFRRJ  
**Banca Interna**

À minha esposa, Vanessa Garrot de Souza Costa Ribeiro, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, colaboração, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período da pós-graduação em Psicologia.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente à Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas principalmente por conduzir meus passos pelos caminhos que necessitava trilhar, matéria-prima do meu aprendizado.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e mais especificamente, ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), direção e administração que oportunizaram a realização do curso, proporcionando um ambiente criativo e amigável no qual construí a confiança no mérito e a certeza da ética aqui presente. E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas ofertadas ao PPGPSI-UFRRJ.

Ao Professor Dr. Nilton Sousa da Silva, pela paciência e atenção com que prestou valiosas orientações, pelo apoio irrestrito durante a elaboração deste trabalho que tornaram possível a conclusão desta dissertação. Além de inestimável colaboração na indicação de leituras e diálogo aberto.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem um conhecimento não apenas intelectual, mas pela manifestação do caráter e afetividade na educação durante o processo de formação profissional, pelo tanto que se dedicam e por terem nos feito apreender as sutilezas necessárias ao pesquisador. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais não me atrevo nominar, evitando a terrível injustiça de deixar algum nome de fora, a todos os meus eternos agradecimentos.

À minha mãe, Romilza de Queirós Batista Ribeiro, verdadeira heroína na criação de três filhos em condições de grandes restrições, que sempre me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de dúvida e desânimo.

Ao meu Pai, Silvar Ferreira Ribeiro, que com sutileza e sabedoria apresentou oportunos conselhos e prestou relevante apoio em momentos de dificuldade que me fortaleceram no prosseguimento da caminhada.

Aos meus irmãos, Roseli, Isadora e Silvar que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é construído a partir da constante dedicação ao presente.

À Isabela e Manuela, minhas amadas filhas, que ainda não possuem idade suficiente para entender minhas ausências, das quais apenas posso aguardar a compreensão futura.

A todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

RIBEIRO, Ricardo de Queirós Batista. **Origem psíquica do conflito armado sob o olhar da Psicologia Complexa**. 2019, 80p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

O presente trabalho realiza uma reflexão pragmática (teórica e prática) sobre o fenômeno social que direciona os povos ao inevitável conflito armado. Ele é uma pesquisa qualitativa pela perspectiva simbólico-arquetípica, como nova possibilidade de se observar e refletir o mundo, que incorpora os elementos ontológico, epistemológico e metodológico do paradigma da psicologia junguiana. O trabalho constata que o conflito armado, enquanto um fenômeno exclusivamente humano tem origem na psique, cuja “entidade” diferencia o homem dos demais animais. A partir de proposições da psicologia complexa de Carl Gustav Jung, a dissertação verifica características que evidenciam diferenças psíquicas entre os humanos e demais animais, identificando traços diferenciados que viabilizam aos homens praticar o conflito armado. Os humanos e animais compartilham instintos de agressividade e cooperação, porém apenas os humanos desenvolveram a capacidade de produzir ferramentas e características que propiciaram desenvolver o conflito armado e a formação de civilizações. A dissertação utiliza ilustrações da história da espécie humana, desde os antepassados hominóides até os dias atuais, para destacar a relação entre traços psíquicos e fatos históricos sobre a humanidade que apontam para causas e finalidades do conflito armado. A dissertação verifica que o conflito armado ocupa uma posição de pressão evolutiva, para impulsionar a seleção artificial e a seleção cultural proporcionando a construção cultural da espécie humana. Deste modo, a espécie humana sofre pressões evolutivas diferentemente das dos animais, os quais apenas estão sob a influência exclusiva da seleção natural. Ao longo da história a humanidade desenvolveu seu espírito na interação entre as pressões do ambiente natural e a armadilha malthusiana (aumento populacional versus disponibilidade de suprimentos), que funcionou como gatilho a conduzir os povos ao conflito armado, de acordo com a supracitada seleção tecnológica (artificial e cultural). Na atualidade, apesar dos avanços científico-tecnológicos e da abundância de recursos, propiciada pela revolução industrial, o fator ontológico e filogenético continua a encaminhar sub-repticiamente as condutas dos povos para lutar e provocar guerras. Assim, aparece a propriedade da função religiosa da psique que direciona indivíduos e comunidades em suas crenças, ambos solapados pela posse coletiva que pode propiciar os conflitos e o conflito armado.

**Palavras-chave:** conflito armado; função religiosa; posse coletiva; psicologia complexa; Carl Gustav Jung.

## ABSTRACT

RIBEIRO, Ricardo de Queirós Batista. **Psychic origin of armed conflict under the eyes of Complex Psychology**. 2019. 80p. Dissertation (Master Science in Psychology). Institute of Education, Postgraduate Program in Psychology (PPGPSI), Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

The present work carries out a pragmatic (theoretical and practical) reflection on the social phenomenon that directs peoples to the inevitable armed conflict. It is a qualitative research from the symbolic-archetypal perspective, as a new possibility to observe and reflect the world, which incorporates the ontological, epistemological and methodological elements of the paradigm of Jungian Psychology. The work shows that armed conflict, as an exclusively human phenomenon originates in the psyche, whose "entity" differentiates man from other animals. From the propositions of complex psychology by Carl Gustav Jung, the dissertation examines characteristics that show psychic differences between humans and other animals, identifying differentiated traits that enable men to practice armed conflict. Humans and animals share instincts of aggressiveness and cooperation, but only humans have developed the ability to produce tools and characteristics that have led to the development of armed conflict and the formation of civilizations. The dissertation uses illustrations from the history of the human species, from hominoid ancestors to the present day, to highlight the relationship between psychic traits and historical facts about humanity that point to the causes and purposes of armed conflict. Thus the dissertation verifies that the armed conflict occupies a position of evolutionary pressure, to impel to the *artificial selection* and the *cultural selection* providing the cultural construction of the human species. In this way, the human species undergoes evolutionary pressures differently from those of animals, which are only under the exclusive influence of natural selection. Throughout history humankind has developed its spirit in the interaction between the pressures of the natural environment and the Malthusian trap (population increase versus availability of supplies), which worked as a trigger to lead people to armed conflict, according to the aforementioned technological selection (artificial and cultural). Today, despite the scientific-technological advances and the abundance of resources, propitiated by the industrial revolution, the ontological and phylogenetic factor continues to surreptitiously direct the conduct of peoples to fight and provoke wars. Thus, the property of the religious function of the psyche appears that directs individuals and communities to their beliefs, both of which are undermined by the collective possession that can lead to conflict and the armed conflict.

**Key-words:** armed conflict; religious function; collective possession; complex psychology; Carl Gustav Jung.



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	08
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
1.1 PSICOLOGIA COMPLEXA .....	14
1.1.1 Inconsciente Coletivo .....	15
1.1.2 Função Religiosa .....	25
1.2 METODOLOGIA .....	30
<b>2 NOSSOS ANTEPASSADOS</b> .....	37
2.1 AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA E PODER .....	44
2.2 LINGUAGEM E COOPERAÇÃO .....	48
2.3 CRENÇA E CIVILIZAÇÃO .....	50
<b>3 A FULGA DO MALTHUSIANISMO</b> .....	55
3.1 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL .....	61
3.2 GUERRA ASSIMÉTRICA .....	68
<b>4 CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	70
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	76
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	79

## APRESENTAÇÃO

Dentre as funções ectopsíquicas da consciência descritas pelo médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), àquela que sempre me fascinou antes mesmo de conhecer a psicologia junguiana, foi a função da intuição. Esta potencialidade da psique nos revela o fenômeno na sua totalidade, antes mesmo de uma compreensão racional, e é algo que permanece enriquecendo o desdobramento do espírito humano.

Tive muitas experiências intuitivas ao longo de minha vida, e até hoje fico sempre eufórico quando descubro que alguém viveu algo semelhante, refletiu e escreveu sobre o fenômeno. Geralmente, depois consigo pelas leituras ir muito além do que a intuição me oferece, nos “singelos” detalhes que amplia o entendimento do próprio fenômeno. É uma jornada de constante aprendizado até que ocorre o inesperado, perceber um fenômeno e não encontrar alguém que o tenha abordado em sua totalidade, que pudesse esclarecer os pormenores, mas apenas encontrei pessoas e leituras que provocaram alguns leves arranhões sobre a superfície do fenômeno: a possessão coletiva.

Lembro-me do filme O Homem que viu o infinito, que relata a vida e obra do matemático indiano Srinivasa Ramanujan (1887-1920), matemático que intuitivamente elaborou inovadoras teorias alegando as ter recebido da Deusa hindu Namagiri, e, por isso, enfrentou grande dificuldade para provar suas teorias.

Não pretendo me comparar ao “gênio” Ramanujan, que deixou um legado na área da análise matemática, teoria dos números, séries infinitas, frações continuadas, entre outras contribuições. Apenas almejo ilustrar como me sinto diante do desafio de explicar algo que outros ainda não o fizeram: a origem psíquica dos conflitos armados e a sua imbricação com a possessão coletiva. E isto, para mim, coloca Deus enquanto causa e ao mesmo tempo solução dos conflitos armados. Todavia, aqui no presente trabalho, este Deus não é o Deus de uma doutrina religiosa, mas é aquele Deus (inefável) que habita a psique humana.

O conflito armado acompanha a humanidade desde os primórdios de nossa espécie, e, aqui, o uso do termo “armado” na expressão “conflito armado” sinaliza a aplicação de qualquer artefato, além do próprio corpo humano, para solucionar a disputa. São muitas as evidências que atestam este fato. Algo semelhante acontece com o termo “religião”, visto que, os dois (artefato e religião) são tão antigos na história da espécie humana que não sabemos precisar qual deles surgiu primeiro: a religião como crença ou o uso de artefatos para caçar e/ou defender a sobrevivência do grupo nômade, pela disputa de recursos naturais ou para

defender uma ideia religiosa primitiva, documentadas nas pinturas encontradas nas paredes de cavernas localizadas em mais de um continente pelo mundo.

O fenômeno que se manifestou na minha consciência, na primeira década do século XXI, em sua totalidade indicou estreita ligação entre Deus e a questão do “conflito armado”. O fenômeno como uma intuição se fez presente e com ele uma totalidade além do bem e do mal. Naquele momento, no meu pensamento, habitava uma possível solução, como uma “revelação” amistosa, para a questão “conflito armado”. Sem dúvida alguma não poderei negar a paz de espírito que surgiu e a dimensão subjetiva da revelação. Todavia, foi justamente por causa da paz de espírito misturada com a ideia de conflito armado que elenquei, com o passar do tempo acadêmico, dados para descrever uma dissertação sobre aquele fenômeno intuído no início do século XXI.

O estudo é um esforço inicial para descrever o fenômeno ocorrido comigo, de acordo com a potencialidade da psicologia complexa, de Carl Gustav Jung, a partir do contexto histórico de antecedentes psíquicos dos conflitos armados; dialogando com outros autores que apresentam à humanidade uma reflexão de fenômenos sociais conectados à guerra: poder, violência social, opressão e outras categorias afins. As informações adicionadas são peças de um gigantesco quebra-cabeça que, paulatinamente, revela a totalidade da imagem intuída no fenômeno.

## INTRODUÇÃO

A percepção é o processo pelo qual os indivíduos organizam e interpretam as suas impressões sensoriais. Assim sendo, novos conhecimentos provocam mudanças (qualitativas e/ou quantitativas) nas percepções de fenômenos internos ou externos ao corpo humano. Os conhecimentos são como lentes que influenciam nossa visão da realidade. Em vista disso, todas as formações profissionais contribuem com um tipo específico de instrução que condicionam ou influenciam as pessoas em suas formas de perceber determinados fenômenos na sua vida pessoal, profissional e/ou coletiva.

Portanto, este processo acontece na percepção do fenômeno social chamado: “conflito armado”<sup>1</sup>. Diferentes formações profissionais proporcionam percepções diferenciadas. Contudo, diante de uma dupla formação profissional, com a conjugação de lentes da formação profissional que ocorre no caminho de um indivíduo bacharel em ciências militares e, ao mesmo tempo, também com formação profissional no caminho de um bacharel em psicologia, o fenômeno do conflito armado pode ser percebido de distintos ângulos. Talvez, para o leitor, não seja difícil imaginar diferenças radicais de percepções entre um militar e um psicólogo. Cada categoria profissional possui lentes específicas para perceber e construir uma compreensão da realidade social sobre o fenômeno: conflito armado. Enfim, seja o profissional da ciência militar ou da ciência psicologia, aqui, na presente dissertação, o sujeito do conhecimento sempre será questionado para descrever a parte da realidade profissional que ele esteja construindo. Porque o mistério do real se oculta aos olhares humanos, para pouco a pouco se revelar nos paradoxos da própria existência humana.

Mas, o que acontece então, quando juntamos duas lentes em uma única pessoa? Para além da percepção do fenômeno por distintos ângulos, no caso em questão, no autor desta dissertação, que inicialmente trilhou o caminho das ciências militares e posteriormente o caminho da psicologia, ocorreu uma crise. Porque ambas as visões da realidade não se acomodam com facilidade, e esta situação exige tranquilidade para ir ao encontro do objeto de estudo em questão: o fenômeno social conflito armado.

A partir da crise provocada pela sobreposição de lentes, outra dimensão do fenômeno do conflito armado se destacou no horizonte. Uma dimensão inequívoca, pelo menos na

---

<sup>1</sup>Conflito armado é um confronto social da disputa de interesses entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados, que utilizam armas para tentar derrotar o adversário, e o “derramamento de sangue” caracteriza a disputa. Neste sentido, optou-se pelo uso do termo “conflito armado” na presente dissertação por verificar que a palavra guerra, na atualidade, ganhou diversidade de significados que turvam o entendimento deste fenômeno humano. Quando nesta dissertação aparecer a palavra, guerra ela assumirá o mesmo sentido de conflito armado.

percepção do autor pesquisador, porque ao buscar maiores esclarecimentos na literatura especializada e, ao mesmo tempo realizar uma revisão bibliográfica, as duas áreas profissionais do autor pouca coisa encontraram sobre o tema do objeto de estudo, para satisfazer a inquietação despertada e preencher uma lacuna de conhecimento.

Apesar de o conflito armado ser um fenômeno que acompanha a humanidade por toda a sua história e que, no momento presente, tenhamos adquirido a capacidade tecnológica de autodestruição, transparece a impressão que a maior parte da humanidade não está atenta para a gravidade e urgência dessa questão: a autodestruição pela tecnologia.

Em vista da recém-adquirida capacidade tecnológica de autodestruição, possível com o simples pressionar de botões, evidencia-se a urgência dos esforços pela paz. Qualquer conhecimento que colabore nessa aquisição é legítimo e pertinente. Desta forma justifica-se o presente estudo que almeja contribuir, com uma compreensão sobre o fenômeno social “conflito armado”, de acordo com uma manifestação também social que, geralmente, antecede uma guerra: a possessão coletiva e as suas respectivas imbricações sociais para gerar um conflito armado.

O avanço científico-tecnológico não foi suficiente para evitar eventos do conflito armado. Uma reflexão sobre o fato possibilita perceber que antigas promessas de um mundo melhor proporcionado pelo avanço científico-tecnológico, não se materializou e o mundo ainda padece de muitas mazelas decorrentes de conflitos armados.

O conflito armado, na atualidade, adquiriu primazia pelo menos para uma parcela da humanidade, que percebe o grave perigo no qual nos encontramos. O conflito armado é uma questão social que se impõe e que deve, com urgência, ser “solucionada”.

Em 1959, o jornalista John Freeman entrevistou Carl Gustav Jung para um programa da BBC e o perguntou: “Observando o mundo de hoje, acha ser provável uma terceira guerra mundial?”. Jung respondeu: “[...] Uma coisa é certa. Uma grande mudança de nossa atitude psicológica é iminente. Isso é mais do que certo”. John Freeman prossegue com a indagação: “E por quê?”, e, neste momento, Carl Gustav Jung continua com a sua resposta:

Porque precisamos de mais... necessitamos de mais psicologia. Precisamos de mais compreensão da natureza humana, porque o único perigo real existente é o próprio homem. Ele é o grande perigo, e não temos, lamentavelmente, consciência disso. A sua psique deveria ser estudada, porque somos a origem de todo o mal que se avizinha. (HULL; McGUIRE, 1982, p. 381-382).

Concordamos com Jung sobre o fato de o Homem ser o maior perigo existente, e, aqui, ressaltamos o fato dele (o Homem) ser um perigo para o próprio Homem. Necessitamos com urgência de maior entendimento da natureza humana. E, aprofundar o entendimento de sua psique em relação às imbricações com o conflito armado já proporciona necessário conhecimento, para iniciarmos com proposições e traçarmos algumas “soluções” para amenizar a “eterna” questão sobre conflitos humanos radicais: é Guerra ou Paz.

Com tal motivação no pensamento: **“Precisamos de mais compreensão da natureza humana, porque o único perigo real existente é o próprio homem.”**, o autor do presente trabalho almeja entender para aprofundar com uma reflexão sobre o fenômeno psíquico que antecede e propicia o conflito armado: “a possessão coletiva”, a partir de três questões norteadoras: **(1)** Qual é a origem “histórica” do fenômeno “conflito armado”?; **(2)** Qual é o papel da psique na origem do fenômeno do conflito armado?, e **(3)** Que tipo de interação será possível fazer entre “conflito armado” e “possessão coletiva”?

Com a interação das três questões norteadoras é possível formular a seguinte conjectura: O conflito armado, enquanto um fenômeno exclusivamente humano tem origem na psique (individual e/ou coletiva), cuja “entidade” diferencia o homem dos demais animais. E de acordo com LE BON (2013a[1895], p. 6), os conflitos armados na atualidade são antecidos por um fenômeno psíquico, que aqui supomos ser uma “possessão coletiva” cuja realidade supera em importância a motivação econômica, que é a causa comumente atribuída a um conflito armado.

As três questões norteadoras e mais a conjectura formulada auxiliaram na delimitação do seguinte objetivo geral: compreender manifestações psíquicas que propiciam o conflito armado, e elas também auxiliaram delimitar os seguintes objetivos específicos: **(a)** verificar se há alguma relação do fenômeno social possessão coletiva com o conflito armado, e **(b)** descrever características individuais e/ou coletivas da psique que antecedam a possessão coletiva. Tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos estarão sob a utilização de conceitos da obra psicológica de Carl Gustav Jung, para examinar aspectos da natureza humana envolvidos nos conflitos armados; e descrever elementos arquetípicos envolvidos no conflito armado e na possessão coletiva.

A fundamentação teórica da dissertação na dinâmica epistemológica usa o conceito psicologia complexa de Jung (SHAMDASANI, 2005). As formulações sobre inconsciente coletivo e pessoal; arquétipo; instinto; complexo; função religiosa; possessão e possessão coletiva são conexões realizadas em minúcias para analisar o fenômeno social: conflito armado. Com uma proposta interdisciplinar, desde suas origens, a psicologia de Jung

mostrou-se adequada para estabelecer um diálogo com diversas áreas do saber e, por isso, ela possibilita perceber um mesmo fenômeno por distintas “lentes” para ampliar a compreensão dele.

No capítulo um será apresentada, a partir da fundamentação teórica do conceito psicologia complexa, a expectativa de como a composição da dissertação ganhará forma, e a metodologia usada na pesquisa será explicada.

O capítulo dois apresentará evidências para considerar a veracidade das premissas e pressupostos, e posteriores análises serão feitas para sustentar os argumentos. Por exemplo, abordar traços do *ser do humano*<sup>2</sup> que estejam relacionados com o conflito armado. E, assim esclarecer o papel da agressividade, nas manifestações da violência e do poder, além do papel da cooperação e da crença na formação das *civilizações*<sup>3</sup>, e espera-se com eles, de algum modo, possibilitar uma compreensão sobre os conflitos armados em larga ou pequena escala.

A partir da fundamentação dos capítulos anteriores, o capítulo três apresentará o fenômeno propiciado da armadilha malthusiana que em convergências com os traços do ser do humano proporcionam condições para a eclosão de conflitos armados. Será realizado um diálogo com o cenário teórico da “psicologia complexa” para estabelecer relações com o fenômeno social “conflito armado”.

Por fim, o capítulo quatro reunirá compreensões teóricas e práticas numa análise crítica para apresentar as conclusões da pesquisa e apontar contribuições, que se verificou serem relevantes ao propósito e urgência dos esforços pela paz mundial.

Ao longo da dissertação, a imagem de um “fenômeno psíquico antecedente ao conflito armado” será apresentada e atuais lacunas sociais relacionadas ao conflito armado serão preenchidas, para oferecer uma compressão hodierna. Contudo, um conjunto mínimo de peças deverá ser adicionado “nesta linha de montagem”, para o leitor vislumbrar e compreender o fenômeno psíquico que dá origem ao conflito armado, caminhando à luz da psicologia complexa. O leitor também poderá encontrar a definição dos principais conceitos junguianos utilizados no presente trabalho no Glossário, ou diretamente no corpo textual da dissertação.

---

<sup>2</sup> O professor e psicólogo, Nilton Sousa da Silva, da UFRRJ, usa a expressão: *ser do humano* para provocar um estranhamento à já cristalizada expressão “ser humano”, que induz ao entendimento de um conhecimento finalizado sobre a natureza humana. Mudar o ponto de vista gramatical, passando o adjetivo “ser humano” ao substantivo na expressão “*ser do humano*”, provoca um desvio de atenção e movimento para compreender um “sujeito do conhecimento” de dentro para fora. Além de iluminar o entendimento de que ainda não se conhece o homem em sua plenitude e, talvez, nunca iremos conquistar tal intento científico. (Silva, 2002, p. 18)

<sup>3</sup> A utilização da palavra “civilização”, aqui, no presente trabalho indicará que determinado povo adquiriu um estado de cultura social, caracterizado por um relativo progresso no domínio das ciências, da religião, da política, das artes, dos meios de expressão, das técnicas econômicas e científicas, e de um grau de refinamento dos costumes. Civilização sendo o conjunto de caracteres da vida social, política, econômica e cultural de um país ou região.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

## 1.1 PSICOLOGIA COMPLEXA

A psicologia complexa é mais conhecida como psicologia junguiana, porém trata-se de uma derivação proporcionada pela sua origem histórica e política. Visto que a psicologia junguiana permite a utilização de dois termos: (1) “psicologia analítica” que é mais utilizado na prática da clínica psicológica na área da saúde em consultórios públicos ou privados e (2) “psicologia complexa” que busca investir na aplicação no campo social, além da saúde e da educação, por exemplo, dialogando com o campo da psicologia social, história, geografia, arqueologia, física e outros campos da humanidade em geral. Na física, por exemplo, Jung desenvolveu junto com o prêmio Nobel de Física em 1945, Wolfgang Pauli (1900-1958), o conceito de “sincronicidade”. Assim, podemos considerar que ambas as denominações são aspectos da epistemologia da obra de Jung, que de maneira abrangente busca compreender o “desdobramento do espírito humano”.

A disciplina mais conhecida atualmente por psicologia analítica, tida como uma escola da psicologia, que se diz descender de Jung, encobre a questão do que era exatamente a sua meta original, pois se presume em geral que seja o que constitui a disciplina que leva seu nome. Entretanto, trata-se de uma confusão entre a profissão com a obra. Inicialmente voltada para a prática clínica, a obra de C. G. Jung ampliou o seu espectro para uma psicologia geral. O próprio autor passou a denominar sua disciplina de psicologia complexa demarcando essa ampliação de proposta (SHAMDASANI, 2005).

“Embora inicialmente Jung tivesse usado a expressão ‘psicologia analítica’ para designar sua psicologia, na década de 1930 ele a rebatizou de ‘psicologia complexa’.” (SHAMDASANI, 2005, p. 28)

Shamdasani (2005, p. 28), esclarece que “a expressão ‘psicologia analítica’ era apropriada quando aplicada aos métodos práticos da análise psicológica”. Dessa forma, a mudança terminológica não era só estilística; assinalava também uma mudança de ênfase, da análise prática para a psicologia geral.

Do exposto, esclarece-se que se pretende refletir a questão do fenômeno psíquico que conduz ao conflito armado a partir do referencial da psicologia complexa em diálogo com autores de diversas áreas do saber humano. Todavia, é necessário destacar que se trata de um estudo da psicologia geral dos antecedentes do conflito armado.



A psicologia complexa se presta com excelência a essa proposta por sua ênfase interdisciplinar desde sua origem. Jung, em suas formulações teóricas adentrou em fenômenos, ainda poucos conhecidos, mas que na atualidade, pelos avanços da ciência, ficaram mais bem esclarecidos. Fatos que corroboraram suas formulações teóricas e mostram o imenso valor, de suas formulações, para as reflexões propostas neste estudo.

Jung alerta-nos para o fator de que qualquer mudança na sociedade começa pelas mudanças nos seus componentes, os indivíduos. Faz um longo tempo que os homens superaram os animais. Consideram os animais inferiores, pois esses são guiados pelos seus instintos, nos humanos, surgiu a faculdade da razão, pela qual se produziu cultura com realizações jamais produzidas por nenhum animal. Contudo, produziu-se, também a guerra com todas as suas consequências.

Ao estudar a psicologia do conflito armado, de imediato se exige uma teoria que abarque o fenômeno humano com o mesmo alcance do fenômeno guerra. As guerras são tão antigas quanto a própria humanidade, anteriores as civilizações e a história. Assim, apenas uma teoria que considere, seriamente, os nossos ancestrais e sua psicologia, pode alcançar a profundidade psíquica do conflito armado.

Pretende-se a partir desse grande legado de Jung adentrar nesse terreno misterioso e impactante dos conflitos armados. A violência fascina os humanos, a acompanhamos, diariamente, nos meios de comunicação de massa, e até mesmo nos esportes atraem multidões de fãs, como nas lutas. Certamente, a compreensão mais profunda deste fenômeno é urgente e necessária.

### 1.1.1 Inconsciente Coletivo

Jung referiu-se, com frequência, a si mesmo como um pioneiro e explorador do mistério inexplorado que é a alma humana. Parece ter tido um espírito arrojado. Para ele - como para nós ainda - a psique humana era um vasto território e, no seu tempo, não tinha sido ainda muito estudada. Era um mistério que desafiava os aventureiros com a perspectiva de ricas descobertas e assustava os tímidos com a ameaça de insanidade. Para Jung, o estudo da alma tornou-se também uma questão de grande importância histórica, visto que, como ele certa vez disse, **o mundo inteiro está pendente de um fio, e esse fio é a psique humana.** É vital que nos familiarizemos todos com isso (STEIN, 2006, p. 12, grifo nosso).

Pode-se considerar que a psicologia de C. G Jung se divide em duas partes. Numa parte teórica, cujos pontos principais podem ser identificados genericamente como, a estrutura

da psique, as leis de desenvolvimento e atuação da psique, e numa parte prática, que leva à aplicação da teoria.

Entre as contribuições de Jung para a psicologia complexa, destacam-se as formulações de inconsciente coletivo, arquétipos e instintos. Praticamente quase todas, se não todas, as apresentações que se realizam sobre Jung, nos livros de introdução à psicologia e/ou teorias da personalidade, destacam a relevâncias destes conceitos para a sua teoria.

O inconsciente coletivo revela ou desvela marcas de nossos ancestrais (humanos e não humanos), assim sendo encontrar-se nele a potencialidade das disposições atuais da humanidade para a guerra, uma vez que ele abarca os arquétipos e os instintos. Cabe um breve esclarecimento das concepções de Jung para esses constructos.

*“Os instintos são formas típicas de comportamento, e todas as vezes que nos deparamos com formas de reação que se repetem de maneira uniforme e regular, trata-se de um instinto, quer esteja associado a um motivo consciente ou não.”* (JUNG, OC. VIII/2, § 273)<sup>4</sup>.

Instinto vem do latim *instinctu*, que significa impulso. “Espécies afins, mas distintas, que, quando habitam em diferentes partes do mundo e vivem em condições consideravelmente diferentes, conservam, contudo, frequentemente, quase os mesmos instintos (podemos compreender através do princípio da hereditariedade)”. (DARWIN, 2009[1859], p. 239).

Para a biologia, geralmente, o instinto é tido como um padrão de comportamento herdado, peculiar para cada espécie. Representa uma psique no seu grau mais primitivo, como o instinto de se alimentar, por exemplo.

Os animais se alimentam conforme sua programação, um “algoritmo” herdado de sua espécie (DAMÁSIO, 2018). Por exemplo, o felino não captura sua presa e a prepara com uma receita culinária para melhor apreciar seu sabor. No homem os instintos não desapareceram, mas ganharam novos contornos com novas possibilidades de agir. O mesmo instinto básico, nos humanos, pode ganhar uma imensa variedade de ações decorrentes. Como isso aconteceu? Essa questão será descortinada a seguir.

---

<sup>4</sup> Neste trabalho será adotado um modelo alternativo à norma da ABNT NBR 6023.2018 ao referenciar citações das Obras Completas de Carl Gustav Jung. A coleção possui a particularidade de numerar os parágrafos de cada volume das Obras Completas, e isto facilita a localização do texto no conjunto da coleção, independentemente do idioma da edição, assim, em inglês, alemão, francês ou português será fácil consultar a citação. Neste sentido, as letras OC. indicam Obras Completas, a numeração em romano indica o volume e a numeração em decimal indica a subdivisão do volume, e o símbolo § indica o parágrafo. Ex.: OC. XI/5, § 821

*“Os arquétipos são formas de apreensão, e todas as vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconhecamos ou não seu caráter mitológico.”* (JUNG, OC. VIII/2, § 280).

O termo “arquétipo” tem suas origens na Grécia antiga, na filosofia, as palavras raiz são *archein* que significa “original” e *typos* que significa “padrão, modelo ou tipo”, o significado combinado é “padrão original”, do qual todas as pessoas, a flora, a fauna e os objetos (artefatos) ou os conceitos cognitivos, são derivados ou modelados a partir da imanência do padrão original. Entretanto, com Jung, a palavra arquétipo perde seu caráter transcendente e passa a fazer parte da psique.

Deste modo, “da mesma forma como se pode perguntar se o homem possui muitos instintos ou apenas alguns, assim também uma questão até aqui quase não ventilada é a de saber se ele possui ou não muitas formas primordiais ou arquetípicas de reação psíquica.” (JUNG, OC. VIII/2, § 274)

Assim percebemos a sutil diferença entre as concepções de instintos e arquétipos, e uma possibilidade de compreensão de onde provém a variedade de ações humanas decorrentes dos mesmos instintos básicos presentes nos animais. Por exemplo, tipo um animal predador frente a frente com a sua presa. Contudo, cabe uma ressalva sobre o conceito de arquétipo, este constructo, na obra junguiana, possui verossimilitudes de conceituações, que interagem e se complementam como variações do mesmo tema, assim sendo, na interação da diversidade é possível reconhecer e compreender uma expressão ou manifestação do “padrão original”. Destaca-se que os arquétipos são também responsáveis pela criação de símbolos, pela mitopoese da psique responsável pelo pensamento mítico. Entretanto,

[...] a alma humana, [psique], vive unida ao corpo, numa unidade indissolúvel, por isso só artificialmente é que se pode separar a psicologia dos pressupostos básicos da biologia e, como esses pressupostos biológicos são válidos não só para o homem, mas também para todo o mundo dos seres vivos, eles conferem aos fundamentos da ciência uma segurança que supera os julgamentos psicológicos que só tem valor na esfera da consciência. (JUNG, OC. VIII/2, §232).

Uma breve observação das manifestações dos animais na natureza é suficiente para verificar que as manifestações da agressividade consubstanciadas em violência e poder, são traços comuns na maioria das espécies.

Entretanto matar, entre os animais, é comum no contexto de predador e presa, a agressividade se manifesta na violência do ataque ou da defesa. Animais de espécies

diferentes, fora do contexto de predador e presa, apenas batalham quando disputam a mesma comida, ou seja, realizam uma batalha pela sobrevivência.

Animais de uma mesma espécie, geralmente os machos, batalham para obter melhor acesso à comida e, na época de reprodução, às fêmeas para manter relações sexuais. Nestes casos são identificados, pela biologia, como macho alpha, àqueles que obtêm a dominação e conseqüente liderança do bando. Dessa maneira pode-se verificar a manifestação primitiva do poder entre os animais. Assim, como observar e verificar que entre os animais também existiu uma batalha para demarcar a conquista de um território geográfico.

Diante disso, a primeira ameaça para um animal é a disputa, na mesma família, pela comida e pelo sexo, o macho alpha, que “detém o poder”, tem melhor acesso a esses recursos. A próxima é a disputa com outros bandos, de outra espécie ou da mesma espécie, pela comida disponível no ambiente, logo, pelo território. Por fim, a constante situação de ser presa e/ou predador.

Essas manifestações, típicas do reino animal, são observadas em nossos ancestrais mais antigos, os primatas da atualidade. De acordo com os registros fósseis estima-se a origem dos primatas há 70 milhões de anos, e há 35 milhões de anos surgem os hominídeos (primeiros primatas bípedes), que inclui os orangotangos, os chimpanzés, os gorilas e os hominídeos (*Homo*). Há 6 milhões de anos ocorreu a separação definitiva entre os demais primatas e os hominídeos. Assim sendo, não é difícil de inferir que, nós, os humanos, compartilhamos traços psíquicos em comum com os animais e, mais especificamente, com os primatas bípedes. (DE WAAL, 2007; KLEIN, 2005).

Porém, o que mais se destaca, na atualidade, não são os traços psíquicos compartilhados, mas aqueles que diferenciam os humanos dos demais animais. Os animais são dotados de instintos, entretanto os humanos, além dos instintos, são dotados de razão, e os arquétipos que são estruturas constantemente mencionadas por Jung como constituintes da psique humana, viabilizam o pensamento mítico. Mas, é importante saber e reconhecer que o conteúdo dos arquétipos, no campo ontológico, é destituído de valores morais. A relação do indivíduo, do grupo social ou da coletividade em geral que possibilitará compreender o devido uso cultural feito em relação ao conteúdo de cada arquétipo. (SILVA, 2002).

Em vista disso, os arquétipos possibilitam e influenciam a formação dos complexos e da própria Consciência do Ego, denominada também por Jung como o Complexo do Ego. Daí se deduz que o surgimento dessa estrutura psíquica (o arquétipo) foi uma condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento posterior da “razão” nos *Homo*, pois apenas os *Homo Sapiens* desenvolveram a razão para “dialogar” com a neurofisiologia e com a emoção.

A importância de uma melhor compreensão do lugar da “emoção”, na história do cérebro humano, estão em pleno desenvolvimento pelo campo de estudo das neurociências. (DAMÁSIO, 2018).

Os instintos, nos animais, passaram pelo desenvolvimento lento e progressivo da “seleção natural”, assim como os instintos e os arquétipos nos humanos. “Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o *inconsciente coletivo*” (JUNG, OC. VIII/2, § 270, grifo do autor), porém os arquétipos são “em geral, **uma das formas típicas de pensar e de agir do homem**, e portanto uma possibilidade inata de representação que enquanto tal preside a atividade imaginativa” (PERI, 2002, p. 43-44, grifo nosso). Dessa forma, entende-se que os arquétipos são possivelmente estruturas psíquicas existentes apenas nos humanos, que possibilitaram e possibilitam a mitopoese da psique, que pela criação de símbolos revela-se ser o embrião da atual criatividade humana.

Contudo, Jung não explicita com clareza essa questão, afirma que: “O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecidas. Parece, portanto, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a ideia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico.” (JUNG, OC. VII/1, § 109) Prossegue, ainda, comentando que: “Nada nos impede de supor que **certos arquétipos já estejam presentes nos animais**, pertençam ao sistema da própria vida, cujo modo de ser dispensa qualquer outra explicação.” (JUNG, OC. VII/1, § 109, grifo nosso).

Ernst Cassirer (2012) nos proporciona uma reflexão importante no seu livro “Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana” ao destacar a existência exclusiva, nos humanos, do mundo simbólico. Característica única que nos diferencia dos demais animais. “Entre o sistema receptor e o efetivador, que são encontrados em todas as espécies animais, observamos no homem um terceiro elo que podemos descrever como o sistema simbólico.” (CASSIRER, 2012, p. 47).

A aquisição cognitiva transforma os modos de vida dos humanos que passam a pertencer a uma nova dimensão da realidade separada dos animais. Percebe-se uma diferença inconfundível das reações orgânicas e direta dos animais para as reações variadas da cognição humana. Dessa maneira, o homem “não estando mais num universo meramente físico, [...] vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes deste universo.” (CASSIRER, 2012, p. 48).

Assim sendo, a atividade simbólica assumiu a direção dos destinos humano suplantando, em parte, as exigências biológicas. O homem não consegue perceber ou conhecer qualquer coisa sem a interpolação desse sistema simbólico e do pensamento

mitológico. Destarte, verifica-se não se ter notícia de animais que produzem símbolos, expressão do pensamento mitológico, então se entende que caso algum animal possua arquétipos estes são de natureza completamente diferente daqueles existentes nos humanos.

Pode-se, então, deduzir que os arquétipos são um tipo de desdobramento dos instintos. Em suma, os instintos são pouco maleáveis, se repetem de maneira uniforme e regular, enquanto os arquétipos adquiriram maior maleabilidade e introduzem o homem no pensamento mítico. Com tal indicação de Cassirer (2012), então é possível encontrar consonância de ideias na reflexão de C. G. Jung:

Todos esses processos devem ser distinguidos daqueles de natureza instintiva. Assim, só se deveria considerar como instinto os processos inconscientes e herdados que se repetem uniformemente e com regularidade por toda a parte. Ao mesmo tempo eles devem possuir a marca da necessidade compulsiva, ou seja, um caráter reflexo do tipo descrito por Hebert Spencer. No fundo, tal processo só se distingue de um reflexo meramente sensitivo-motor por sua natureza bastante complicada. [...] As qualidades que os instintos têm de comum com os simples reflexos são a uniformidade, a regularidade, bem como a inconsciência de suas motivações. (JUNG, OC. VIII/2, § 267)

Todavia, ainda dialogando com o próprio Jung, percebe-se que “as ações exageradas devidas à interferência do instinto são provocadas pelas formas intuitivas de apreensão postas em ação pelos arquétipos, formas estas que nos levam a impressões superintensas e muitas vezes verdadeiramente distorcidas.” (JUNG, OC. VIII/2, § 279) Dessa forma também temos que “o comportamento é influenciado pelos instintos em grau muitíssimo mais elevado que em geral se admite, e que sob este aspecto estamos sujeitos a muitos erros de julgamento [...]”. (JUNG, OC. VIII/2, § 272)

Mediante o exposto, o inconsciente coletivo, justamente, é constituído pela singularidade da propriedade dos instintos e de seus correlatos, os arquétipos, é uma estrutura psíquica de onde provém a influência da ação humana consciente ou inconsciente. Aqui é importante lembrar que os atuais estudos da neurociência estão corroborando para explicar a diversidade da psicologia junguiana (complexa e/ou analítica), na qual prolegômenos podemos encontrar no seu desenvolvimento do início ao fim da vida de Jung (DAMÁSIO, 2018; SILVA, 2010). Portanto, cada indivíduo possui aspectos do inconsciente coletivo da espécie humana, assim como, aspectos de uma consciência coletiva, a partir de reações instintivas que revelam o conjunto de imagens primordiais, conjunto este configurado por arquétipos presentes na cultura, sociedade ou civilização.

Entretanto, as manifestações culturais e os aspectos coletivos conscientes da espécie humana, mesmo sendo influenciados pelos instintos, possuem conteúdos próprios do momento sócio-histórico-cultural vivenciado por um indivíduo, grupo social, comunidade ou coletividade em geral. Com autonomia para ampliar as possibilidades de manifestações do campo individual ao coletivo. Assim os arquétipos seriam manifestações de hologramas culturais de partículas que preenchem os espaços, provenientes da interação do indivíduo com o ambiente. Os instintos básicos, inclusive aqueles destacados neste estudo (agressividade e cooperação), também são estruturas que alimentam o espírito humano, e, dessa maneira, continuam a influenciar as condutas humanas na atualidade, contudo a consciência coletiva apresenta possibilidades de transformar (minorar) ações condicionadas, durante a evolução da história da espécie humana. E, a própria História, é a melhor testemunha...!

A história da espécie humana está recheada de relatos de guerras e crimes, apontando os encaminhamentos da agressividade, instinto básico de todos dos animais, nos humanos. Porém, verifica-se uma lacuna nas interpretações dos registros pré-históricos, pois esse período foi pacificado e o homem primitivo é apresentado sem esse traço psíquico ou suas manifestações são bastante amenizadas. Dessa forma, o conflito armado, simplesmente, não figura como relevante neste período na maior parte da literatura especializada.

Essa pacificação do passado deu origem a teorias filosóficas, sociológicas e antropológicas que apresentam o homem como “essencialmente pacífico” e que foi pervertido pela formação das civilizações. Essa forma de interpretação em pouco auxilia na compreensão da verdadeira natureza do ser do humano, conclusões verdadeiras apenas são possíveis a partir de premissas verdadeiras. Inicialmente, se faz necessário, resistir à negação do passado extremamente violento dos nossos antepassados.

Certamente, essas suposições que os hominídeos eram pacíficos, além de indicar uma abstração de indícios relevantes, ou sua indisponibilidade na época das formulações destas teorias, indicam também, as possíveis distorções ocasionadas nas formulações sobre o homem, pois utilizaram, para a interpretação dos dados, de premissas desconhecidas ou falsas, comprometendo as conclusões e argumentações.

Os últimos 50 anos foram cruéis para as pretensões de um passado pacífico dos homens primitivos, muitas evidências arqueológicas e estudos antropológicos, etnológicos e primatológicos indicam a violência inerente deste período. (KEELEY, 2011).

Realizar essa revisão é importante para compreender aspectos instintivos e arquetípicos que estão envolvidos no processo psíquico do conflito armado. Seria, por demais estranhos que a estrutura biológica herdada de nossos antepassados, que possui enorme potencialidade para influenciar as nossas ações e formações culturais, fosse subitamente alterada e transformasse uma espécie “pacífica” em uma cruel e serial assassina. Aqui, não estamos desconsiderando a velocidade da comunicação, principalmente, no tempo que ela, a comunicação, era realizada no passado da história humana. Hoje em dia temos o impacto social da “tecnologia digital” que altera o comportamento humano, mas tal alteração revela uma duração de tempo. Portanto, há um período da crueldade humana que ainda permanece entre nós “simples” mortais do século XXI.

Além disso, as evidências apontam para um longo processo evolutivo de todas as espécies, incluindo sua agressividade e cooperação, e as teorias que ignoram a violência dos homínidos não consideram ou distorcem as reais possibilidades interpretativas.

Os arquétipos são capazes de influenciar os comportamentos, e vimos que são impulsionados pelos instintos e adequando-se às condições ambientais e culturais. Essa seria a base da diferenciação entre os homens e demais animais, alguns instintos “evoluíram” para arquétipos? Ou os arquétipos surgiram para “complementar” a ação dos instintos? Ainda não se sabe, porém, percebe-se que os arquétipos conferem ao homem uma ampla maleabilidade em modificar às suas manifestações comportamentais para adaptar-se ao meio ambiente e às suas alterações, e ao surgimento de novas demandas<sup>5</sup>.

Os humanos tornaram-se “generalistas” e desenvolveram a ampla capacidade de adaptar-se às bruscas mudanças ambientais que exterminaram muitas outras espécies. Além de, pela inventividade, criaram instrumento que lhes conferiram “domínio” sobre as demais espécies.

Em determinado momento desta evolução o principal concorrente dos grupos humanos passou a ser outros grupos humanos. O uso inicial das ferramentas para caçar e defender-se

---

<sup>5</sup> Embora a presente dissertação não seja do campo da física, não é mais possível o ser humano negar a influência da física quântica no comportamento social. Aplicativos usados em celulares é a maior prova viva do atual impacto tecnológico no meio social, causado pela física quântica. Mas, outro aspecto da física quântica permite aprofundar a reflexão das duas questões que aparecem no parágrafo, é a *complementaridade* (onda-partícula) revelada pela física quântica. Por um lado, o “pensamento humano” como *onda*, energia e espiritualidade, por outro, o “corpo humano” como *partícula*, matéria e reificação. E não existe aquela cisão, clássica: *energia-matéria*, elaborada pela *física clássica*; existe, sim, uma perspectiva de compreensão (*complementaridade*) de mundo que está, radicalmente, modificando a produção e a construção do conhecimento humano, agora, “inserido” no Mundo.



das ameaças, posteriormente, passaram a ser utilizadas nos conflitos armados entre os próprios grupos humanos. A disputa entre os grupos é uma particularidade que, ao mesmo tempo, nos indica as possibilidades da cooperação enquanto traço psíquico; da quase inexistência entre os grupos de nossos antepassados, às dificuldades e divergências da atualidade, aparecem como grande desafio ao fenômeno globalização e conflito armado.

Em vista disso, percebe-se que os conflitos armados são manifestações constantes, e exclusivas, da humanidade, e mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico, com todo o fenômeno da globalização, eles ainda persistem. Mudaram-se as armas, do arco e flecha para o fuzil 7,62mm, das catapultas para os mísseis de precisão, tudo parece ter mudado menos o fato de que são os mesmos humanos que estão usando essas armas para matar outros humanos. As manifestações da agressividade consubstanciadas em atos violentos de humanos contra outros humanos é um motivo arquetípico de nossa psique. A sua persistência pode indicar uma finalidade? Pretende-se, para além do aspecto causal, refletir sobre o aspecto finalístico, que será mais bem esclarecido na metodologia.

Entretanto, apesar de sua antiguidade e persistência, o ato violento enquanto manifestação dessa agressividade arquetípica pode assumir variadas formas, possibilitando que o conflito não necessariamente realize-se pela destruição do oponente. A maioria das civilizações encontraram formas de amenizar a manifestação da agressividade, diminuindo ou evitando o ato violento em suas sociedades, e nas querelas com outras sociedades conseguiram “disciplinar” os conflitos armados através de códigos de condutas.

Verificam-se nações com baixos índices de criminalidade que usufruem de relativa estabilidade e bem-estar social. Outras nações com intenções pacíficas nas relações com outras nações que possibilitam viverem sem as mazelas dos conflitos armados. Percebe-se, em comum, que essas nações possuem hábitos que as permitiram atingir essa condição de estabilidade econômica e social. Os hábitos são fundamentados em crenças compartilhados pela maioria da nação e apontam para a importância das crenças para a estabilidade de um povo. Dessa constatação, verificamos o outro aspecto relevante dessa reflexão, a crença enquanto uma manifestação arquetípica exclusivamente humana possui o potencial em orientar as condutas humanas, para a paz ou para a guerra. (JUNG, OC. X/1; LE BON, 2013b [1922]).

As crenças variam bastante em seus conteúdos, mas preenchem um mesmo espaço psíquico, são manifestações simbólicas arquetípicas de todos os humanos. O seu conteúdo é

de vital importância para o estabelecimento das condições de vida de um povo. Suas proposições podem conduzir para a estabilidade ou para a instabilidade, e como são mutáveis, como as culturas, as crenças, enquanto conteúdo manifesto, possuem ambos os papéis, podem construir ou destruir, sem que o povo se aperceba até chegada a hora de colher as consequências.

Assim se estabelece a ligação estreita entre essas duas características de nossa espécie. A agressividade e a crença, que juntas e em interação com determinadas condições ambientais são responsáveis pelos encaminhamentos da estabilidade ou instabilidade social, além de ser a promotora ou preventora dos conflitos armados.

A agressividade, que se manifesta após a elaboração automática pelo nosso sistema simbólico, parece ser dirigida pelas crenças que apresentam as opções de ação para os indivíduos e grupos. Importa entender as possibilidades de manifestações das crenças. O senso comum automaticamente relaciona crença com religião, mas essa não é uma possibilidade única de manifestação.

A palavra crença vem do latim *credentia*, de *credere*, ação de considerar algo verdadeiro ou na possibilidade de uma coisa, trata-se de uma convicção íntima, uma certeza. Considerar algo verdadeiro não o torna automaticamente verdadeiro. Entretanto, a crença enquanto uma convicção íntima possui uma potencialidade psíquica para direcionar as ações conforme a afirmação sobre a realidade de algum fenômeno, como se verdadeiro fosse. Essa atitude apenas é possível aos humanos, não se espera que nenhum animal se oriente na natureza a partir de uma crença, pois apenas os humanos possuem esse diferencial psíquico. A espécie humana pode inclusive sacrificar-se por suas crenças, como no caso dos homens-bomba que serão recompensados com 72 mulheres virgens no paraíso, segundo uma cultura, uma crença, de uma determinada religião.

As crenças são todos os conteúdos culturais que dão sentido e significado aos indivíduos de uma nação. Na antiguidade, as religiões abarcavam toda a cultura, por outro lado, na atualidade, existe a distinção entre os conteúdos religiosos e científicos. Entretanto, ambas, religião e ciência, quando aceitas como verdade, estão fundamentadas na mesma função psíquica. Assim sendo, esses conteúdos culturais, considerados como verdades, geram convicções que orientam todas as condutas de um povo. (JUNG, OC. X/1; LE BON, 2013b [1922]).

A obra de Jung aborda a religião como um fato psíquico de inegável relevância na vida de todos os humanos, pela sua universalidade concluiu se tratar de uma manifestação do inconsciente coletivo. O capítulo 2 abordará a agressividade e crença humanas com breves incursões nessas duas categorias, recorrendo aos aspectos evolutivos desde a pré-história, para esclarecer os fundamentos dos aspectos psíquicos os quais, a presente dissertação, se apoia para revelar aquilo que conduz homens e mulheres ao conflito armado, porém antes cabe esclarecer o lugar da religião e da crença na obra psicológica de Jung.

### 1.1.2 Função Religiosa

*“Vocatus at que non vocatus, Deus aderit”*  
Erasmus de Roterdã

A manifestação religiosa implica questões psíquicas que se manifestam nas sociedades e na história, tendo em vista que a partir da crença o ser humano empreende ações que impactam no desenvolvimento histórico de nossa civilização. Para Jung (OC X/1), o termo religião não faz alusão a nenhuma denominação eclesial ou instituição religiosa. Refere-se à atitude religiosa, de crer, inerente a todo ser humano acima de qualquer adesão a um credo religioso. Logo, a palavra crença possui dupla conceituação, pode ser entendida como uma função psíquica ou como os conteúdos filosóficos dos credos religiosos ou não religiosos.

Como qualquer função psíquica, a religiosidade pode ser desenvolvida, ou reprimida quando não é manifestada em imagens divinas, sendo direcionada a outros objetos, que são cultuados e adorados com o mesmo fervor. Muitos têm o mesmo sentimento religioso, porém, focado em **crenças científicas**, ou até mesmo, nos negócios, nos esportes, na adoração de artistas e cantores famosos, entre outros.

O *Self*, arquétipo da totalidade, ocupa a posição central na psique e, por conseguinte, no destino dos indivíduos. O *Self* pode ser compreendido como uma *Imago-Dei* que é projetada no mundo exterior em busca de sentido e significado na vida, tanto para aqueles seres humanos que acreditam na existência de um Deus, ou de uma ou algumas divindades regendo à vida, quanto para aqueles que não acreditam na existência de um Deus, pois todos, invariavelmente, possuem sua crença que lhes confere sentido e significado. Nossos antepassados manifestavam a *Imago-Dei* em sistemas mitológicos ou religiosos. Na atualidade essa projeção também se direciona a ideologias não religiosas.

Religiosidade não desenvolvida facilita a irrupção de possessões e/ou de possessões coletivas, a consciência é “sequestrada” pelo inconsciente e o indivíduo e/ou o grupo pode ser direcionado para idolatrias e idealizações, endeusando teorias, sistemas religiosos, políticos, ideologias.

A ausência da atitude religiosa consciente não extingue a atitude religiosa inconsciente. Os símbolos religiosos têm a finalidade de dar significação à vida do homem. Como encontramos em Jung:

[...] a função religiosa não desaparece com a crítica racionalista [...] *Naturam expellas furca tamen usque recurret*” (Por mais que jogues fora a natureza por meio da força, ela sempre retorna). Os líderes e ditadores tentam escamotear o paralelismo evidente com o endeusamento dos césores, escondendo, sob o manto do Estado, sua onipotência real, o que não altera, de modo algum, a essência de seu gesto.” (JUNG, OC. X/1, § 514)

Ainda com Jung, temos que:

A enantiodromia, a função regulatória dos contrários, esclarece que, psicologicamente, um dia tudo se reverte em seu contrário, assim uma cultura racional dirige-se necessariamente para o seu contrário, ou seja, para o aniquilamento irracional da cultura. (JUNG, OC. VII/1, § 111)

Do exposto, verifica-se a importância da compreensão da natureza psíquica da função religiosa, pois o campo amplo e vasto do inconsciente, não alcançado pela crítica e pelo controle da consciência, acha-se aberto e desprotegido para receber todas as influências e infecções psíquicas que são possíveis. “Como sempre acontece quando nos vemos numa situação de perigo, nós só podemos nos proteger das contaminações psíquicas quando ficamos sabendo o que nos está atacando, como, onde e quando isso se dá [...].” (JUNG, OC. X/1, § 493)

O ego, sujeito de todos os atos pessoais e conscientes, ocupa o centro da consciência, entretanto sua autonomia é relativa, pois essa estrutura sofre influências constantes, e quase imperceptíveis, do inconsciente. “A relação de qualquer conteúdo psíquico com o ego funciona como critério para saber se este último é consciente, pois não há conteúdo consciente que antes não se tenha apresentado ao sujeito.” (JUNG, OC. IX/2, § 1) Assim, as infecções psíquicas são imperceptíveis, pois ocorrerem em estruturas do inconsciente, identificadas por Jung, como complexos de tonalidade afetiva que passaram a influenciar a consciência sem o sujeito se aperceber.

O experimento de associações de palavra, realizado por Jung, forneceu um meio de estudar experimentalmente o comportamento do complexo e apontou para relação íntima entre complexo e neurose. Os complexos, inicialmente denominados por Jung de complexos de tonalidade afetiva, são constituídos por dois componentes distintos, um grupo de representações psíquicas associadas aos sentimentos característicos. As representações psíquicas<sup>6</sup> são energizadas afetivamente e indicam uma estrutura psíquica mínima dotada de forte carga afetiva, que liga representações, pensamentos e lembranças. **O complexo é um material de ideias** que está sob condições psicológicas especiais, pois é capaz de atuar de forma patogênica, se comportando de maneira autônoma em relação às intenções conscientes do indivíduo. Essa constatação indica que o complexo e seu material associativo gozam de uma autonomia incomum na hierarquia da psique, que se baseia na forte carga emocional, ou seja, valor emocional do complexo, pois a emoção ocupa um lugar muito independente na constituição hierárquica da psique e pode facilmente quebrar o autocontrole e a autoconsciência do indivíduo. Assim sendo, pode-se considerar o complexo como uma espécie de pequena psique secundária que de alguma forma deliberada (mas desconhecida do sujeito) tem certas intenções que atravessam a do indivíduo. Desse modo, é relevante assinalar que a superstição de todos os povos tem certa razão em afirmar que os “doentes mentais” eram **possuídos por demônios**. Contudo, pessoas com transtornos mentais encontram-se no extremo da influência dos complexos, mas estes exercem diferentes graus de influência a consciência das pessoas ditas normais. (JUNG, OC. II)

“Psicologicamente os demônios nada mais são do que interferências do inconsciente, isto é, irrupções espontâneas na continuidade do processo consciente por parte de complexos inconscientes.” (JUNG, OC. VI, § 166). Podem ser considerados com a atuação daquelas pequenas psiques secundárias as quais deliberadamente atuam no inconsciente.

A manifestação da função religiosa pode ocorrer segundo Jung, nas seguintes condições: na “religião” em si, nas “confissões” ou em “ideologias”. As *religiões* oferecem uma atitude ante às condições externas da existência que possibilitam julgar e tomar decisões com liberdade, possibilitando o desenvolvimento da religiosidade<sup>7</sup>. Os conflitos são resolvidos no âmbito da psique.

---

<sup>6</sup>Antônio Damásio, pela contribuição da neurociência, revela como propriedade da mente a formação de representações mentais, essas imagens são verdadeiros mapas das configurações de objetos e eventos, internos e/ou externos, sempre associados a sentimentos, que nos humanos passaram a ser convertidas em símbolos. (DAMÁSIO, 2018)

<sup>7</sup> Na atualidade a palavra que melhor se afina com o sentido atribuído por Jung a palavra religiosidade é a palavra espiritualidade, “que se refere a todas as formas de religiosidade, independente de confissões e igrejas, e

As confissões compreendem um credo voltado para o mundo em geral, constituindo assim uma questão intramundana. Essas doutrinas ensinam que os homens dependem de Deus e de seus “intermediários”. Constitui-se em instituições públicas às quais pertencem os fiéis, mas também os não fiéis que a integram por simples hábito. O pertencimento a um grupo confessional não exclui a possibilidade de desenvolvimento da atitude religiosa (espiritualidade), desde que os indivíduos consigam suplantar as exigências coletivas de dependência a Deus, ou mais especificamente, ao emissário de Deus. Ressalta-se, entretanto, que a adoção de uma confissão religiosa não garante o desenvolvimento da religiosidade dos indivíduos.

Nas ideologias, procura-se minar as bases da religião, o Estado (ideologia política) ocupa a função e o lugar de “Deus”, e as ideologias orientam as ações e o sentido da vida.

As religiões, porém, **ensinam uma outra autoridade oposta à do “mundo”**. A doutrina que ensina que o indivíduo depende de Deus representa uma exigência tão grande sobre ele quanto a do mundo. Pode até acontecer que o homem acate essa exigência de maneira tão absoluta a ponto de se alienar do mundo da mesma forma que o indivíduo se aliena de si mesmo quando sucumbe à mentalidade coletiva. (JUNG, OC. X, § 507, grifo nosso)

Jung (OC X/1) destaca a existência de diferença entre a “confissão” e a “ideologia”, entretanto indicando que em ambas ocorre a possibilidade de manifestação de possessões, contaminações psíquicas causadas pelas pequenas psiques secundárias, que tantas vezes provocou caos e destruições na história da humanidade.

Tanto num caso quanto no outro, o indivíduo pode perder sua capacidade de julgar e decidir-se livremente. A isso tendem, manifestamente, as religiões quando não se comprometem com o Estado. Neste caso, prefiro falar, de acordo com o uso corrente, de “confissão” e não de “religião”. (JUNG, OC. X/1, § 507)

A confissão direciona a uma convicção coletiva e a dependência ao sacerdote, ao passo que a religião exprime uma relação subjetiva pessoal com fatores metafísicos, ou seja, extramundanos.

A confissão compreende, sobretudo, um credo voltado para o mundo em geral, constituindo, assim, uma questão intramundana. Já o sentido e a finalidade da religião consistem na relação do indivíduo com Deus (cristianismo, judaísmo, islamismo) ou no caminho da redenção (budismo).

Esta é a base fundamental de suas respectivas éticas que, **sem a responsabilidade individual perante Deus**, não passariam de moral e convenção. (JUNG, OC. X/1, § 507, grifo nosso)

Em consequência, a manifestação da função religiosa quando não direcionada para uma “religião” (espiritualidade) levará o homem a atender essa necessidade pela adoção de uma confissão ou de uma ideologia, ambas são doutrinas mundanas que possuem desvantagens inquietantes.

Essa afirmação não satisfaz, de modo algum, nem àquele que se sente unidade de uma massa, nem ao que professa uma crença coletiva. No primeiro caso, a [...] [ideologia] é o princípio superior de todo pensamento e ação e todo esclarecimento deve servir aos seus propósitos. Em consequência, o indivíduo só recebe direito de existência enquanto uma função [da ideologia]. O segundo, por sua vez, embora conceda ao Estado uma exigência moral e factual, possui a convicção de que não só o homem, mas também o Estado são sujeitos ao domínio de Deus, pertencendo incontestavelmente a Deus e não ao Estado, a instância última de decisão [...]. (JUNG, OC. X/1, § 510)

O que diferencia as representações religiosas daquelas utilizadas por grupos ideológicos é que estes provocam uma falsa sensação de segurança coletiva, sem oferecer ao indivíduo proteção contra os “demônios interiores”. Quanto mais o indivíduo se enfraquece, mais se agarra ao poder de uma ideologia, isto é, mais se entrega espiritualmente à massa. E do mesmo modo que a Igreja uma Ideologia exige entusiasmo, abnegação e amor, cultivando o necessário terror à semelhança do temor de Deus que as religiões exigem ou pressupõem. A tendência ao fanatismo, radicalismo e/ou extremismo é uma atitude esperada nesses casos, as massas são efetivamente “possuídas”. (JUNG, OC. X/1)

A partir do momento em que, no processo de massificação, o indivíduo se transforma em unidade social, a ideologia passa a ser seu princípio superior, e a função religiosa do homem, conseqüentemente, é arrastada para esse turbilhão. A religião, que constitui um comportamento característico do homem, cujas manifestações podem ser observadas, ao longo de toda a história da cultura, perde espaço para a posse de uma doutrina confessional ou ideológica. (JUNG, OC. X/1)

A posse captura o objetivo religioso que, inicialmente, configura-se a religião com Deus e a recompensa de um mundo transcendente, transformando-se na promessa de um paraíso terrestre. Mas, essa promessa é tão “inalcançável” quanto o paraíso celeste, com a desvantagem de produzir diversas anomalias e um desprezo pelo moralmente estabelecido e pelas evidências. Assim os adeptos dessas doutrinas ficam suscetíveis à posse, que dessa maneira se caracteriza como uma posse da coletividade. (JUNG, OC. X/1)

Essas características reforçam o fato de que as massas, possuídas, deixaram um objetivo extramundano para abraçarem uma crença exclusivamente terrena, exaltada com o mesmo fervor das confissões religiosas, embora numa outra direção. O fenômeno psíquico que conduz as sociedades ao conflito armado aparenta se consubstanciar de uma possessão coletiva.

Em suma, ao examinar a evolução do desenvolvimento da humanidade em seus aspectos relativos à crença e à agressividade, dentre outros aspectos relacionados, pretende-se, nesta dissertação, verificar a suposição de que o fenômeno da possessão coletiva está implicado, diretamente, nos conflitos armados. Além de revelar o possível gatilho, que uma vez acionado, possibilita condições para a contaminação da psique individual e/ou coletiva, de maneira a ensejar que seja lançada um pouco de luz nas trevas do inconsciente relacionadas com a possessão coletiva e o conflito armado.

## 1.2 METODOLOGIA

Do ponto de vista antropológico, podemos dizer que sempre existiu preocupação do "homo sapiens" com o conhecimento da realidade. As tribos primitivas, através dos mitos, explicaram e explicam os fenômenos que cercam a vida e a morte, o lugar dos indivíduos na organização social, seus mecanismos de poder, controle e reprodução. Dentro de dimensões históricas imemoriais até nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva. A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do Inconsciente Coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva. (MINAYO, 2001, p. 9)

Minayo (2001) entende por metodologia *em si mesmo* o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem do fenômeno. Dessa forma a metodologia “inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e **o sopro divino do potencial criativo do investigador**” (MINAYO, 2001, p. 16, grifo nosso).

Todavia, as contribuições da autora contrastam com os fundamentos da ciência moderna sobre o “sopro divino”, mas se alinha com as concepções de C. G. Jung. Para compreender embates metodológicos, teóricos e práticos, Thomas Kuhn (1998[1962], p. 13) busca esclarecer que os “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.



Nos campos científicos existe uma disputa entre os modelos explicativos, entre teorias e concepções de homem e de mundo, “o desenvolvimento da maioria das ciências têm-se caracterizado pela contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas” (KUHN, 1998[1962], p. 22).

Para corroborar com as afirmações anteriores, logo no início do presente trabalho destacamos que “a reflexão epistemológica atual mostra que aquilo que comumente chamamos de ‘metodologia das ciências’, não passa de uma disciplina meramente instrumental. Em outros termos, a metodologia não tem um fim em si mesma” (JAPIASSU, 1975, p. 22).

Em vista dessas ideias preliminares, é possível afirmar que o médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung inaugurou um paradigma científico a partir do seu modelo teórico e prático no campo das ciências humanas e sociais. Por isso, este estudo utilizará dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica recorrendo ao **paradigma junguiano**, a partir das contribuições dos autores Minayo (2001), Penna (2013, 2014), Nagy (2003), e James, Carrilho e Martinho (1997), para fundamentar a coleta, a análise, a interpretação, e a descrição dos dados levantados.

Jung adotava uma postura crítica contra o modelo de ciência dominante em sua época, mas não ignorava a necessidade de conceder a suas pesquisas consistência epistemológica e metodológica. Ele era epistemologicamente exigente e durante toda a sua vida afirmou repetidamente os limites fundamentais de suas próprias teorias e buscou solucionar cada um deles (TARNAS, 2008).

Penna (2013) denomina de perspectiva *simbólico-arquetípica*, essa nova possibilidade de se observar e refletir o mundo, que incorpora elementos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do paradigma fundado por Jung.

A perspectiva simbólico-arquetípica para abordar a realidade psíquica permite a integração de vários aspectos antes dissociados, tais como: subjetividade e objetividade; razão e espírito; individual e coletivo; pessoal e universal (PENNA, 2013, p. 25).

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa pela concepção de Minayo (2001), com base compreensiva a partir da perspectiva simbólico-arquetípica oferecida por Penna (2013) e inspirada no pragmatismo de Willian James (1842-1910), para compreender um processo de relações dinâmicas constituídas no dia a dia da sociedade — o fenômeno social do “conflito armado” à luz da “possessão coletiva” de um grupo e/ou de uma civilização —, e descrever tal processo será o principal caminho na elaboração da presente dissertação, contudo, a obra

psicológica de Jung sustentará a caminhada, principalmente, frente às trilhas de fundo teórico e prático de todo o trabalho.

Do ponto de vista de sua natureza, este estudo será uma pesquisa teórica e aplicada que busca gerar conhecimentos úteis e vislumbra uma prática imediata. De acordo com Penna (2013, p. 42), esse é o tipo de pesquisa que em si apresenta o sentido da afirmação: “a distinção entre ciência pura e ciência aplicada só faz sentido se uma estiver a serviço da outra”. Isto é, no contexto das ciências humanas e sociais, na construção de teorias psicológicas sempre existirá a finalidade última do atendimento às necessidades práticas da maior compreensão sobre um determinado momento histórico, para cooperar e conquistar aquela coerência e consistência mencionadas no parágrafo acima.

Nos dados coletados, pela inspiração do pragmatismo de James (1997), serão examinadas evidências que possibilitarão a apreensão de aspectos simbólicos imbricados na origem do conflito armado. Eles serão interpretados pelo autor pesquisador da dissertação e compreendidos pelo método hermenêutico, por associações não triviais de elementos, analogias e comparações no conjunto do trabalho. O conteúdo que se integrar à consciência receberá um sentido e significado específicos para provocar a sua ampliação. Isto é, registrar aquele elemento que escapa do trivial, do senso comum de uma época, mas, paradoxalmente, não escapa do espírito de uma época. Com isto a dissertação pretende, então, descrever os processos captados exemplificando pelo relato de evidências.

Por fim, chegamos à maneira de interpretação dos dados. Quanto à compreensão de um fenômeno psíquico, pela sua leitura simbólica, deve-se realizar a elaboração dos símbolos observados (evidências coletadas) para orientar e traduzir cada um deles em termos psicológicos, de maneira que o material até então desconhecido possa ser integrado à consciência individual e/ou coletiva para provocar aquela ampliação mencionada no parágrafo anterior.

O trabalho de Jung, pelos seus critérios de pesquisa, sofreu duras críticas e encontrou resistências nos ambientes acadêmicos, ao considerar temas mitológicos e religiosos nos estudos científicos. Jung elucidava dizendo: “estudo a religião como um aspecto psicológico e a abordo empiricamente, meu interesse é científico e não filosófico sobre o assunto, restrinjo-me à observação dos fenômenos e evito as considerações metafísicas” (JUNG, OC. XI/1, §2). Por conseguinte, o presente estudo abordará o fenômeno psíquico da crença em sua imbricação com o conflito armado, que a partir das fundamentações da psicologia complexa pode apontar para o conceito de possessão coletiva, entretanto sem ater-se aos conteúdos das crenças, aqui, neste trabalho, o interesse recai exclusivamente sobre o fenômeno psíquico.

“Jung acreditava realmente que a maioria de nossas doenças psicológicas é, em suas raízes, religiosa por natureza” (NAGY, 2003, p. 11). Para além das doenças psicológicas individuais, nos dias atuais, se destaca as “doenças psicológicas coletivas” que revelam também possuir raízes religiosas ou crises no campo da sobrevivência econômica. Portanto, é possível verificar “neuroses” em indivíduos, em determinados grupos sociais ou em toda uma coletividade, porque a natureza mitológico-religiosa ainda se impõe a despeito de todos os avanços do conhecimento científico-tecnológico moderno.

No corpo da dissertação, o *pensamento mítico*<sup>8</sup> possui relevância para a compreensão dos fenômenos em exame, pois a possessão coletiva está profundamente ligada às estruturas da psique que possibilitam essa “funcionalidade religiosa”.

A psicologia complexa de Jung é uma manifestação psicologia do inconsciente pessoal e/ou coletivo, portanto a potencialidade do inconsciente (pessoal e/ou coletivo) apresenta-se como pressuposto ontológico que está na base da concepção de mundo elaborada pelo ser humano. Ao fazer referência ao mundo, não se supõem sua existência independente da psique, como se fosse uma coisa em si, mas o mundo enquanto experiência psíquica. Jung (OC. XI/5, § 766, grifo nosso) afirma entender “que toda a nossa experiência da chamada **realidade é psíquica**”.

Cada concepção de mundo elaborada pelo ser humano, independentemente da sua cultura, busca possibilidades de integrar a interação de dois níveis da psique: um consciente e outro inconsciente. Com este processo dialético entre a “consciência” e o “inconsciente”, em toda a psicologia junguiana existe a tentativa de integração dos opostos e, aqui, eles podem ser caracterizados e reconhecidos na interação das duas instâncias psíquicas. Isto é, como o processo dialético entre essas duas instâncias psíquicas: consciência-inconsciente lida com o fenômeno em si. Observe que o fato de um determinado fenômeno estar inconsciente (não estar na consciência do sujeito do conhecimento) isto não significa dizer que o fenômeno não exista.

Contudo, se esclarece que Jung “distingue o aspecto coletivo da psique humana de seu aspecto pessoal, este último sendo responsável pela individualidade” (PENNA, 2013, p. 141). Por exemplo, o aspecto individual da psique pode reconhecer valores grupais e/ou coletivos e não se identificar com tais valores. O comportamento religioso é um precioso campo social para expressar esta interação do indivíduo com o grupo social. A palavra pertencimento bem

---

<sup>8</sup>Segundo SILVA (2002, p. 31, grifo do autor), a expressão humana que melhor apresenta a ideia do *inconsciente coletivo* de Jung é o *pensamento mítico*, ela revela uma estrutura universal que se mantém a mesma durante todo o desdobramento da história da humanidade.

enfoca esta questão. Nosso foco na dissertação vai justamente recair sobre os aspectos coletivos da psique revelados em grupos sociais. Neste sentido, serão indicados aspectos da estrutura biológica do corpo humano que são herdados, logo, inatos; e o entendimento deles será relevante para o leitor compreender o fenômeno estudado e analisado na dissertação.

Entretanto, no comportamento da espécie humana também encontramos além dos aspectos biológicos herdados, logo, inatos; aquelas constituintes da espécie humana que são as configurações de aspectos influenciados pelo meio ambiente sócio-histórico-cultural, que acabam revelando o comportamento de cada grupo humano. Os primeiros são constituintes da indissociabilidade corpo-alma que é uma propriedade do **inconsciente coletivo**, enquanto, a influência de aspectos sócio-histórico-cultural revela propriedades da **consciência coletiva**. Dessa forma todos os seres humanos estão imersos na dimensão coletiva *a priori*, na qual, aquele processo dialético entre o consciente e o inconsciente contém o recheio de uma cultura. E cada dado sócio-histórico-cultural fornecerá, em seu aspecto simbólico e hermenêutico, o acesso ao fenômeno psíquico do inconsciente coletivo.

Para reconhecer e descrever o aspecto simbólico, na obra psicológica de Carl Gustav Jung, é necessário compreender que: “O símbolo é a ponte epistemológica entre o conhecido e o desconhecido – o meio através do qual a transformação do material inconsciente em material conhecido é viável” e é apreendido pelo caráter hermenêutico do método. (PENNA, 2013, p. 186).

O arquétipo como o protótipo de uma ideia individual e/ou coletiva aparece no aqui agora do espaço e do tempo humano, podendo ser de algum modo percebido pela consciência que observa a manifestação arquetípica, e esta sempre ocorre através de imagens arquetípicas, consubstanciada em um símbolo (imagem): visual, sonoro, tátil, gustativo e olfativo. Para Jung (OC. V, § 344) “[a alma humana] cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja imagem aparente provém das ideias que o consciente adquiriu”.

“Do ponto de vista coletivo, o conhecimento resulta da observação e compreensão das manifestações humanas coletivas (culturais), tais como mitologia, folclore, arte, ciências, eventos históricos e sociais” (PENNA, 2013, p. 164).

Neste ponto, o conflito armado é um fenômeno social que foi amplamente registrado e relatado na história da humanidade. E o interesse do presente estudo incide em sua origem psíquica, e não nas atividades de combate ou no derramamento de sangue em si. Dessa maneira, nesta dissertação, o relato sobre conflitos armados dentro de cada contexto sócio-histórico-cultural adquire primazia para ratificar a relevância do fenômeno estudado e, também, oferecer uma compreensão ao leitor da dissertação.

Pretende-se conhecer a manifestação de elementos psíquicos, até então inconscientes para um indivíduo, grupo social ou coletividade, e que estejam envolvidos no motivo psíquico que encaminha ao conflito armado, a partir de evidências registradas por historiados, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, economistas, primatólogos e outros profissionais.

Neste sentido, todo o processamento simbólico-arquetípico que se manifesta entre as duas dimensões, consciente e inconsciente, do sujeito do conhecimento pela perspectiva e função simbólica da realidade, cuja característica é propriedade da espécie humana, considera que o ponto de vista do observador e o seu **tipo psicológico** possibilitarão construir uma compreensão de aspectos incógnitos do símbolo, para integrar à consciência e, assim, atribuir sentido e significado ao fenômeno estudado. Por isso, o método aqui utilizado na dissertação é essencialmente hermenêutico, ao visar à compreensão do sentido e atribuir um significado ao símbolo, podendo ser uma questão tanto de fenômenos no âmbito pessoal quanto no coletivo.

Enfim, o método elaborado por Jung para abordar fenômenos psíquicos e integrar a diversidade das polaridades causalidade-finalidade, na mente humana, também, considera a **sincronicidade** como um evento fundamental que está além da dimensão de causa e finalidade, de acordo com os postulados da física clássica, mas, ela, a sincronicidade configura em si mesma um caráter sintético construtivo. O fenômeno da sincronicidade aparece na mente carregado de sentido e significado simbólico, e, ele, parece deixar “somente” ao sujeito do conhecimento a contemplação do ocorrido. Na sincronicidade parece não existir a necessidade do sujeito elaborar o símbolo observado e captado, com o objetivo de traduzir e o compreender para formar um material há pouco desconhecido.

Não existe “dificuldade” para reconhecer a manifestação da sincronicidade, no entanto, existe, sim, certa admiração do sujeito com o ocorrido porque uma compreensão racional escapa à lógica cartesiana, e o sentido e significado do símbolo (da situação em questão) são como que imediatamente integrados à consciência do sujeito. A tradução do símbolo é conduzida hermenêuticamente, na tessitura de associações, analogias e comparações. Há uma amplificação simbólica que considera a hipótese do significado preexistente do símbolo ser, imediatamente, revelado ou desvelado pelo seu caráter arquetípico.

Em suma, a presente pesquisa será desenvolvida pelo levantamento de dados, através de uma revisão bibliográfica, das evidências que apontam para os elementos psíquicos que propiciam o conflito armado, verificando sua relação com a “possessão coletiva”. Na coleta de cada dado sócio-histórico-cultural localizados na história da espécie humana possibilitará, também, verificar para descrever a condição ambiental que funcionou como “estopim” do

fenômeno psíquico que encaminhou o indivíduo, o grupo social ou a coletividade ao conflito armado dentro das suas relações humanas.

## 2 NOSSOS ANTEPASSADOS

“A mesma verdade deve ser expressa de diferentes formas para se adequar a capacidade do ouvinte.”  
(Ramana Maharshi)

Ao abordamos a questão do conflito armado relacionando suas origens a fatores psíquicos impõe-se a necessidade de esclarecer os pressupostos que sustentarão as proposições. O conflito armado é um fenômeno normalmente abordado pelas ciências militares e pela história, e entendemos a possibilidade de ampliar a sua compreensão, a partir das contribuições de diversas áreas do saber humano, possibilitando encontrarmos as evidências que esclareçam os fundamentos dos atos violentos decorrentes das manifestações da agressividade de uma psique humana.

Cabe ressaltar que todas as produções culturais, inclusive as científicas, são produtos inequívocos da psique humana, assim sendo, qualquer produção cultural poderá colaborar para o entendimento do fenômeno humano.

O homem desenvolveu vagarosa e laboriosamente a sua consciência, num processo que levou um tempo infindável, até alcançar o estado civilizado (arbitrariamente datado de quando se inventou a escrita, mais ou menos no ano 4000 a. C.). Esta evolução está longe da conclusão, pois grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas. O que chamamos psique não pode, de modo algum, ser identificado com a nossa consciência e o seu conteúdo. (JUNG, 2008, p. 22)

Ao estabelecer um diálogo interdisciplinar serão incorporadas as valiosas contribuições da arqueologia, ciência que, pelo processo de coleta e escavações, estuda os costumes e culturas dos povos antigos através dos fósseis, artefatos, monumentos, etc, almejando ampliar nossa compreensão dos aspectos psíquicos envolvidos nos conflitos armados.

Os métodos de datação e mapeamento do genoma revolucionaram a arqueologia, pois há pouco mais de 50 anos não existiam técnicas que possibilitasse determinar se um fóssil ou objeto possuía 1 mil ou 10 milhões de anos.

Essas técnicas possibilitaram verificar a veracidade de suposições sobre nossos antepassados e impactaram significativamente em diversas áreas do saber humano, iluminando o passado de nossa espécie. Dentre às técnicas destacamos a do carbono-14, o potássio-argônio e a da termoluminescência.

Também será realizado o diálogo com o campo da história, da antropologia, da etnologia, da primatologia, entre outras, buscando suas contribuições para ampliar o entendimento do fenômeno psíquico que propicia o conflito armado. O surgimento da escrita é o marco importante na história do mundo e demarca a separação entre a história e pré-história iniciando o registro dos acontecimentos, a partir deste evento uma quantidade maior de informações é obtida sobre nosso passado.

Percorrer o caminho da evolução humana, buscando as contribuições de diversas áreas, possibilitará esclarecer, em parte, a partir da religação dos saberes, àquilo que é inerente a natureza humana daquilo que pertence ao contexto cultural mantendo-se o direcionamento da investigação ao fenômeno psíquico que conduz ao conflito armado.

Este estudo não pretende revelar fatos desconhecidos nem contestar nenhuma descoberta consagrada fundamentada em fatos conhecidos, pretende-se abordar a história, e pré-história, levando-se em conta os fatos conhecidos (novos e antigos), com as explicações e interpretações fundamentadas pelo ponto de visto conceitual e paradigmático da psicologia complexa de Jung, além de contar com as contribuições do pragmatismo<sup>9</sup> de William James, propiciando um direcionamento às reflexões sobre o objeto de estudo. Assim, pretende-se alcançar a finalidade de situar o saber racional com a conduta humana, de maneira a impor limitações lógicas restritivas nas interpretações e explicações dos fenômenos, ao considerar suas necessárias relações com os fatos conhecidos.

Na existência da humanidade persiste uma permanente alternância entre momentos de paz e guerra, cooperação e confronto. Mesmo nos momentos de paz, a violência se manifesta. Porém, é fácil perceber que sem a diferenciada capacidade de cooperação nunca haveríamos de superar os modos de vidas próprios dos animais, como podemos observar nos bonobos e chimpanzés, antepassados animais mais próximos dos humanos.

Contudo, inegavelmente, os animais não se enfrentam em conflitos armados e nem estabelecem civilizações. Em decorrência, os fatos indicam que na psique humana, em parte “diferente” dos outros animais, provavelmente se encontra o estopim do conflito armado, instaurado na interação com determinados fatores ambientais.

As evidências arqueológicas e genéticas, disponíveis, indicam que houve uma separação na descendência dos primatas hominóides há pelo menos 6 milhões de anos. De um

---

<sup>9</sup> William James ampliou o significado da verdade, trouxe para o pragmatismo a doutrina humanista e demarcou a sua condição de verdade, isto é, a verdade corresponde ao que é vantajoso ao pensamento ou àquilo que gera uma relação satisfatória com a realidade, de tal forma que a vantagem e a satisfação estejam vinculadas ao que é útil, ao prático. Dessa maneira, James reivindica uma filosofia que não somente exercite os poderes da abstração intelectual, mas que estabeleça alguma conexão positiva com o mundo real, o mundo de vidas humanas finitas. (NASCIMENTO, 2012, p. 6-8)



lado, um tronco que resultaria nos bonobos e chimpanzés - estes, os animais mais semelhantes aos humanos. De outro lado, desenvolveu-se aquilo que viria a ser chamado de homínídeo; ou seja, os nossos antepassados. Tudo indica que essa cisão ocorreu pelo fato de os homínídeos transformarem-se em carnívoros, adotando o consumo de carne como alimentação prioritária. (DE WAAL, 2007; ELIADE, 2010; HARARI, 2017).

Entretanto, antes mesmo do aparecimento dos primeiros homínídeos, algumas características psíquicas exibidas por estes já se encontravam presente nos demais animais. Podemos verificar nos chimpanzés da atualidade, que por terem se separado da nossa linhagem a menos tempo ainda mantêm muitas semelhanças com os humanos, a agressividades, a violência e a disputa pelo poder. (DE WAAL, 2007).

Nossos parentes primatas antropóides encaram a busca de poder e sexo com a mesma seriedade que nós, humanos modernos, mas não temos apenas esses traços em comum com eles, a solidariedade e a empatia são igualmente importantes entre esses primatas, possibilitando a cooperação, e revelam uma parte de nossa herança psíquica ancestral. (DE WAAL, 2007).

“Podemos tirar o primata da selva, mas não a selva do primata” (DE WAAL, 2007, p. 7) Os nossos parentes primatas geneticamente mais próximos indicam a real intensidade e abrangente ligação da nossa espécie com a natureza. Os chimpanzés são do tipo brutamontes (exibem comportamentos hierárquicos e violentos) enquanto os bonobos são de um estilo de vida “livre, leve e solto” (resolvem os conflitos com sexo). A crueldade e a simpatia exigem a capacidade de imaginar como nosso comportamento afeta o outro, dessa maneira essas capacidades não são exclusivas dos humanos às herdamos dos nossos antepassados mais longínquos. (DE WAAL, 2007).

Muitas conjecturas sobre a pré-história humana tomam por base os achados arqueológicos e o que conhecemos sobre os outros primatas e sobre os grupos humanos “pré-históricos da atualidade”, essa interação de evidências indicam os comportamentos que nossos ancestrais podem ter apresentado.

Pode-se demarcar a segunda separação definitiva entre os homínídeos e seus antepassados homínídeos, com o surgimento das primeiras criações. A primeira separação foi biológica enquanto a segunda foi psíquica. Há 2,5 milhões de anos ocorre a evolução do gênero *Homo* na África e o uso das primeiras ferramentas de pedra. Pode-se considerar essa inovação como o indicativo do surgimento da psique humana diferenciada dos demais animais. (ELIADE, 2010; HARARI, 2017; KLEIN, 2005).

A criação de ferramentas demanda duas capacidades únicas, o entendimento, mesmo que ainda precário neste momento, da lei de causa e efeito e a ideia de tempo (passado, presente e futuro), pois somente a partir dessas capacidades mínimas se faz possível a partir de uma experiência passada, dedicar-se no presente para encontrar uma solução de sobrevivência (produção de ferramenta com uma finalidade, elaboração de técnicas de caça, etc.) para um problema a ser enfrentado no futuro.

Pode-se, também, considerar que a época do surgimento das primeiras ferramentas de pedra o *Homo* já teria, necessariamente, adquirido a capacidade para se questionar sobre os fenômenos ambientais, capacidade que impulsionou o surgimento da religião e ciência primitiva. Os hominídeos desenvolveram a capacidade para questionar a vida e a morte, os fenômenos da natureza e elaborarem hipóteses que as explicassem, eis que surgem as primeiras religiões primitivas. O uso das ferramentas, de ferramentas para criar ferramentas e possivelmente das primeiras estratégias e táticas para a caça, que foram posteriormente usadas nas lutas contra outros grupos humanos, indicam o aparecimento da ciência primitiva.

A diferença decisiva em relação ao modo de vida dos primatas é esclarecida pelo uso das ferramentas. Os hominídeos não só se servem das ferramentas, mas ainda são capazes de fabricá-las e produzem, além disso, ferramentas para fazer ferramentas, e ainda guardam-nas bem perto para que delas se possam servir no futuro. Em resumo, o emprego da ferramenta não está limitado a uma situação particular ou a um momento específico, como acontece com os demais primatas. (ELIADE, 2010).

Assim, a agressividade, a violência e o poder ganharam, nos humanos, novos contornos diferentes daqueles exibidos pelos demais animais na natureza pelo uso de ferramentas. Contudo, nos grupos humanos, assumir o poder, geralmente pelo uso da violência ou pela ameaça de seu uso, garantiria melhores condições de acesso aos recursos, sejam eles alimentos, águas ou sexo, como ocorre com nossos antepassados animais. Os machos alpha geravam mais descendentes, transmitindo e reforçando o traço psíquico da agressividade, da violência e da busca do poder. Contudo, essas características não se limitavam às disputas internas nos grupos. A busca pelo poder também aparecia nas disputas entre os grupos humanos pelos recursos disponíveis no ambiente, que provocaram os primeiros conflitos armados e ondas migratórias. Entretanto, a capacidade de cooperação, quase que exclusivamente dentro dos grupos em não entre grupos, e as características que a possibilita, também foram fundamentais para a sobrevivência dos humanos que possuem um caráter gregário. Dessa maneira percebe-se que tanto a agressividade quanto a cooperação foram fundamentais para o sucesso dos primatas, em geral, e dos hominídeos, em particular.

Há 2 milhões de anos, os humanos “necessitaram” se espalhar da África para a Eurásia e ocorreu, pela necessária adaptação aos diversos meios ambientes, a evolução de diferentes espécies humanas. Há 600 mil anos, os humanos passam a usar o fogo no cotidiano, talvez muito antes. Há 500 mil anos surgem os *Homo neandertais* na Europa e no Oriente Médio. Há 300 mil anos surgem o *Homo sapiens* na África Oriental. (BLAINEY, 2015; ELIADE, 2010; HARARI, 2017).

Possivelmente, a utilização de ferramentas e do fogo permitiu aos hominídeos uma vantagem na aquisição e no consumo de alimentos que impulsionaram seu desenvolvimento biológico e psíquico. A estrutura do cérebro também vinha mudando com aperfeiçoamentos na “área motora”, como maior habilidade para a construção e uso de ferramentas, e na “área da fala”, caracterizado pelo desenvolvimento da comunicação. Um cérebro maior parecia estar associado a uma crescente habilidade em usar as mãos e os braços e, ao lento surgimento de uma linguagem falada. (BLAINEY, 2015).

Estima-se que há 70 mil anos ocorreu a revolução cognitiva, e a conseqüente explosão cultural, que pela criação de símbolos possibilitou o surgimento da linguagem “semelhante” a do homem moderno, entre outras invenções. Os *Homo sapiens* se espalharam a partir da África, pela segunda vez, na primeira migração, ocorrida há 300 mil anos, os *Homo sapiens* se misturaram às outras espécies de *Homo*, porém desapareceram. Cabe destacar que a partir deste momento os *Homo sapiens* passaram a realizar coisas nunca antes realizadas. “[...] Os organismos pertencentes à espécie *Homo sapiens* começaram a formar estruturas ainda mais elaboradas chamadas **culturas**.” (HARARI, 2017, p. 11, grifo nosso).

As evidências apontam que, de aproximadamente 2 milhões de anos a 10 mil anos atrás, o mundo foi habitado por várias espécies humanas ao mesmo tempo. O mundo de 100 mil anos atrás foi habitado por pelo menos seis espécies humanas diferentes, que inclusive geraram descendência entre elas. Os *Homo neandertais* contribuíram com uma carga de 1% a 4% do DNA contido nas células de cada europeu e asiático moderno. A exclusividade atual, e não a multiplicidade de espécies do passado é incriminadora, e indica que o *Homo sapiens* as levou à extinção. (BLAINEY, 2015; HARARI, 2017).

Os *Homo sapiens* eram melhores caçadores e coletores, graças à superioridade proporcionada pela sua tecnologia e habilidades sociais, desse modo se multiplicaram e se espalharam. Os *Homo neandertais* e outros *Homo*, eram menos engenhosos, e tinham cada vez mais dificuldade de inovar para competir por recursos. Suas populações definharam e pouco a pouco desapareceram, exceto, talvez, por alguns membros que se “uniram” aos *Homo*

*sapiens*. Outra possibilidade, bem mais provável, é que a competição por recursos tenha irrompido em conflitos armados. (BLAINEY, 2015; HARARI, 2017).

Quando foi que o homem começou a exercer atividades de combatente sobre seu semelhante? O animal ter-lhe-á proporcionado inúmeras ocasiões. A caça precedeu ao combate e, antes mesmo da caça, a defesa contra os grandes animais carnívoros. Essa luta contra os animais exercitou o homem para o combate. Posteriormente a competição por recursos conduziu os *Homo* ao conflito e ao extermínio dos menos capazes. Evidente que essa mencionada capacidade, nos *Homo sapiens*, relaciona-se diretamente às diferenças cognitivas e sociais, e aos modos de uso de ferramentas e às suas inovações, pois os *Homo sapiens* não possuíam superioridade anatômica comparativamente aos outros *Homo*. (BLAINEY, 2015; HARARI, 2017) Dessa maneira se percebe o surgimento de outro mecanismo de seleção, entre os *Homo*, dos organismos mais aptos. Os demais animais permaneceram sobre o designo da seleção natural, enquanto os humanos, além desse mecanismo identificado por Darwin, passaram a sofrer os designo da seleção artificial<sup>10</sup>.

Portanto, adicionaram-se as pressões da “seleção natural” àquelas da “seleção artificial”, o uso da ferramenta tornou-se um diferencial na sobrevivência dos grupos humanos. Aqueles grupos que inovaram e desenvolveram melhores técnicas de caça e de defesa obtiveram vantagem na exploração dos recursos naturais. Os grupos humanos ganharam enorme vantagem sobre os demais animais possibilitando sua expansão populacional para além das limitações impostas pela seleção natural aos demais animais. O crescimento populacional logo aumentou a pressão da seleção artificial, os recursos não tardaram a se tornarem insuficientes. Nesse contexto, restava aos grupos humanos a opção de se enfrentarem na disputa pelos recursos disponíveis em uma área ou realizarem a migração para outras áreas.

A migração tornou-se uma boa solução, principalmente para àqueles grupos menos capazes de disputar os recursos locais com outros grupos humanos, ou mesmo, de enfrentá-los. Inicialmente existiam muitas áreas a explorar, entretanto, a expansão populacional pelo planeta chegou, inevitavelmente, ao ponto crítico do esgotamento de áreas disponíveis para

---

<sup>10</sup>Seleção artificial é um processo de cruzamento conduzido intencionalmente pelo homem com o objetivo de selecionar características desejáveis em animais e plantas (DARWIN, 2009[1859], p. 101 e 105). Este trabalho usará essa expressão para caracterizar o processo em que a seleção natural é complementada pela seleção da luta pela vida, entre os humanos, pelo uso de ferramentas. Assim sendo, esclarece-se que a palavra “seleção” indica o ato ou efeito de selecionar e a palavra “artificial” indica tudo aquilo produzido pela mão do homem, não pela natureza. Dessa forma, pela “seleção artificial” as características favoráveis às pressões originadas pelas invenções humanas (conflito armado) tornam-se mais comuns em gerações sucessivas, destaca-se que, neste caso, sem a intencionalidade humana no ato de selecionar. Os grupos humanos com as “melhores” características “psíquicas” prevalecem sobre os demais.

exploração dos recursos naturais, tornando esses insuficientes. A pressão exercida pela “seleção artificial” cresceu enormemente com a redução de áreas com recursos disponíveis para migração. O conflito armado tornou-se a principal “solução” nesta disputa. Destaca-se que o canibalismo era uma prática comum deste período. Um grupo humano ao atacar outro tendia a eliminar todo o bando, porém é também provável terem poupado e capturado algumas “fêmeas” (KEELEY, 2011). Além das pressões da “seleção artificial” adicionou-se a “seleção cultural<sup>11</sup>”. Percebe-se que o aumento da pressão da seleção cultural provocava o declínio da pressão da seleção artificial, assim as inovações em ferramentas ou em organização social interagiam para proporcionar vantagens competitivas entre os grupos humanos.

Os grandes vitoriosos da corrida da seleção tecnológica foram os *Homo Sapiens*. Entretanto, não tardou para que chegassem a uma nova encruzilhada. Os *Homo Sapiens* dominaram o mundo e sua população não cessou de crescer, novamente chegaram ao ponto crítico da escassez de recursos, e as pressões da seleção artificial e, principalmente, da seleção cultural aumentaram. Essas novas pressões impulsionaram o surgimento de uma nova criação que mudou completamente os modos de vida milenares dos humanos coletores e caçadores.

Há 12 mil anos ocorreu a revolução agrícola com a domesticação de plantas e animais e a adoção de assentamentos permanentes. Os grupos humanos sedentários passaram a obter melhores condições de sobrevivência, cresceram em tamanho e passaram a defender suas propriedades, e provavelmente buscaram se expandir à medida que suas populações cresciam. Inicialmente, deveriam existir bastantes embates entre os grupos de sedentários e nômades, mas logo os segundos foram suplantados pelos primeiros. Estima-se este momento como o provável surgimento do conflito armado com os combates em larga escala entre humanos. Há 6 mil anos surgem os primeiros reinos, sistema de escrita e dinheiro. Surgem, também, as religiões politeístas e as primeiras civilizações. (BLAINEY, 2015; HARARI, 2017).

O conhecimento acumulado pelos historiadores demonstra que o surgimento das civilizações destaca o papel dos conflitos armados na sua formação, pois “somente quando uma sociedade passava da prática da guerra primitiva para a guerra verdadeira [ou guerra civilizada (em larga escala)] poderia surgir um Estado, e somente por inferência, quando um

---

<sup>11</sup>Este trabalho utilizará a expressão seleção cultural para designar “complexos culturais” que prevaleceram pelos seus valores ao grupo, assim além do desenvolvimento psíquico impulsionado pela seleção artificial os grupos humanos passaram ao desenvolvimento social. Assim sendo, os complexos culturais (crenças, saberes e conhecimentos) que proporcionaram melhores organizações sociais prevaleceram. O termo “seleção tecnológica”, que aparecerá mais a frente, será utilizado sempre que se pretender referir às pressões exercidas pela interação das seleções artificial e cultural.

Estado passava a existir, poder-se-ia ‘*escolher*’ sua natureza política.” (KEEGAN, 1995, p. 108).

A partir desta breve retrospectiva, da pré-história da humanidade, é possível seguir adiante na reflexão sobre os fundamentos psíquicos que possibilitaram o aperfeiçoamento e a continuidade dos conflitos armados.

## 2.1 AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA E PODER.

O conflito armado é uma das manifestações da agressividade. A agressividade é o combustível da violência que representa seu ato manifesto, porém a ausência de violência não implica na ausência de agressividade. A agressividade é um traço característico do ser do humano presente também nos animais.

A palavra agressividade tem origem no latim da expressão *aggressio*, que deriva de *agredi*, que significar alcançar algo ou dar um passo em direção a alguma coisa. Nesse sentido a agressividade é necessária para a autoconservação e conservação das espécies. Trata-se de um comportamento emocional que faz parte da afetividade de todos os animais, inclusive os humanos.

No entanto, a manifestação da agressividade pelos humanos possui peculiaridades que a difere daquelas exibidas pelos animais. Somos os únicos animais que produzem conflito armado e que colaboram, em grande número com organizações complexa, para efetivação de ações violentas.

A agressividade em si, não é um traço que podemos considerar ruim. Trata-se de um traço que direciona a energia psíquica para os objetos. Sua ausência certamente seria problemática à sobrevivência dos organismos. A partir da agressividade que os organismos buscam acesso aos recursos necessários à sua sobrevivência podendo ocorrer pelo uso da violência ou pela ameaça de seu uso. Destaca-se que essa busca pode ocorrer dentro de um mesmo grupo ou entre grupos, nas disputas de poder.

A palavra poder deriva do latim *possum*, que significa “ser capaz de”; significa também, entre outras coisas, “ter a faculdade ou a possibilidade de” e “possuir força física ou moral”; “ter influência”. Na sociologia, a palavra poder é geralmente utilizada para designar “a habilidade de impor a sua vontade sobre outros”. (CHARON, 1999).

Os enfoques sociológicos do poder, segundo Lallement (2018), dividem-se em duas grandes famílias. O poder enquanto substância ou estruturas de que alguém se apropria, e o

poder existente nas relações, indicando-o como a capacidade de que dispõem um grupo ou uma pessoa de influenciar outra(s) em uma situação relacional. Percebemos o enfoque do poder pertencente a um indivíduo dominante e outro enfoque do poder dependente do contexto relacional. Entretanto, as atuais evidências apontam para a validade dos dois enfoques em interação.

A primatologia nos indica que a política do poder não é uma exclusividade do humano civilizado, foram detectados, inicialmente em cativeiro e depois confirmado na natureza padrões de comportamentos que apontam para disputa de poder entre os chimpanzés. Destaca-se o fato que não basta ser o mais forte para assumir a posição de macho alpha, as coalizões são essenciais, pois nenhum macho pode dominar sozinho, pelo menos não por um longo período, a qualquer momento o grupo pode destituir qualquer um. A liderança se estabelece pela formação de alianças e pela habilidade de manter o equilíbrio e os aliados satisfeitos evitando, dessa maneira, revoltas em massa. A disputa de poder não se resume às disputas internas aos bandos, os chimpanzés vivem em comunidades que lutam entre si, disputando por melhores áreas com recursos disponíveis. (DE WAAL, 2007).

Assim sendo, imaginemos no paleolítico, um agrupamento humano que conseguiu se estabelecer em um ambiente, no qual, provisoriamente, o uso da violência para aquisição de recursos tornou-se desnecessária. Poderia desenvolver-se ao ponto de possuir uma maioria de humanos com baixa agressividade. Porém, tão logo ocorresse uma mudança ambiental ou o encontro com outro agrupamento humano levaria a uma disputa pelos recursos naturais, fica evidente quais seriam aqueles que provavelmente sobreviveram. Deve-se ressaltar que, mesmo em tal situação, as disputas internas pelo poder provavelmente prosseguiriam, com o eventual uso da violência ou no mínimo a ameaça de seu uso. De alguma forma, o poder é favorável à preservação das espécies, pois a seleção natural reforçou esse traço. Nos humanos não seria diferente, pois mesmo sofrendo as pressões adicionais da seleção tecnológica, a busca de poder permaneceu uma constante.

A agressividade, mesmo nos dias atuais, parece ser uma característica necessária para a sobrevivência da espécie. Um agrupamento humano, com a falta total de agressividade, apenas sobreviveria se mantido em condições em que a totalidade das ameaças estivesse ausente. Entretanto, não existe no mundo um local com essas condições, e nem pode ser criado. Mesmo que um agrupamento de humano, completamente não agressivo, vivesse em condições de total ausência de violência, ainda seria necessário matar os organismos inferiores que causa moléstias, os insetos e pequenos animais que os abrigam e os animais que competem pelos alimentos vegetais. (KEEGAN, 1995).

A agressão é um “impulso” natural, extraindo sua energia do próprio organismo, os animais chegam a uma descarga quando estimulados por um liberador apropriado, porém, as maiorias dos animais possuíram a capacidade de amenizar a descarga agressiva sobre outros indivíduos da mesma espécie. O homem, ao aprender a fazer armas de caça, acabou utilizando-as para matar outros humanos na disputa por recursos. O uso de armas “distanciava” emocionalmente matador e vítima. Sendo mais eficaz caçar coletivamente, os agrupamentos humanos aprenderam a fazê-lo de forma cooperativa, que se tornou a base de sua organização social. Provavelmente, essa organização proporcionou as condições para as posteriores lutas contra outros grupos humanos intrusos ou a conquista de novas áreas com recursos disponíveis e necessários. (KEEGAN, 1995).

Em decorrência da agressividade, a violência é toda ação que cause “prejuízo” a uma pessoa ou animal, ela sempre ocorreu na natureza. Os animais disputam por recursos, e muitos dependem da destruição de outros para sobreviver. Assim sendo, a agressividade e a violência são necessárias a todos os organismos vivos, e de alguma forma a disputa de poder favorece a preservação das espécies. Porém nos humanos, essas instâncias ganham as propriedades do bem ou do mal. Desde que Adão, conforme narrado na Gênese, comeu o fruto da árvore do conhecimento, os homens perderam sua inocência e adquiriram o conhecimento do bem e do mal. Podemos considerar essa narrativa como a explicação mitológica para a origem da consciência, que pelas evidências arqueológicas, nos humanos, surgiu, “semelhante” ao homem moderno, por volta de 70 mil anos atrás. Na natureza não existe o bem e o mal, apenas impulso pela sobrevivência. O entendimento do bem e do mal passa a impor questões éticas, que inicialmente foram resolvidas pelas religiões.

Diferenciamo-nos dos outros animais pela intencionalidade da consciência, assim a violência ganha contornos que vão além daqueles observados na natureza, nesta geralmente percebe-se a imposição da necessidade de sobrevivência e a manifestação dos instintos.

Porém, a reflexão fez nascer a consciência das consequências e dos encadeamentos, tanto no grupo quanto entre os indivíduos, pelas considerações das reações possíveis do adversário: quanto a possibilidade de represálias. É provável que daí surgiu o pensamento de procurar um eventual apoio. Logo que a ideia de um terceiro intervém na reflexão, o agressor trata de justificar sua violência, quer seja esse terceiro um grupo humano ou um poder cósmico. O senso de responsabilidade, pela ação violenta, então se manifesta e, até mesmo, o de culpa em caso de malogro, quando se passa a lançar a responsabilidade do conflito sobre o inimigo e a definir-se a noção de legítima defesa. (CORVISIER, 1999).



Constata-se, dessa maneira, que a espécie humana é a única do planeta Terra que produz a violência com intencionalidade da consciência, e que nem sempre os motivos das ações violentas são prementes necessidades de sobrevivência. Destaca-se que é a única espécie que produz violência pela utilização de armas (ferramentas produzidas para a finalidade específica da prática do ato violento), além de se organizarem para produzir os conflitos armados entre grupos.

A agressividade é claramente uma “herança genética” que pode reforçar a chance de sobrevivência, e se manifesta pela violência e pela disputa de poder. “Se a vida é uma luta, então aqueles que melhor resistem às circunstâncias hostis viverão provavelmente mais tempo e produzirão maior número de descendentes resistentes.” (KEEGAN, 1995, p. 99)

Percebemos que a agressividade é um traço que herdamos de nossos antepassados e encontra-se nos primórdios de nosso desenvolvimento psíquicos, herança de nosso “inconsciente ancestral<sup>12</sup>”. A manifestação de ações violentas, apesar de possuírem origem da nossa herança ancestral, adquiriu contornos diferentes dos exibidos pelos animais pela elaboração cognitiva.

Percebemos, ainda, que os conflitos de larga escala apenas são possíveis a partir da cooperação de uma nação, pois aos combatentes, além da ação conjunta e coordenada, é necessário o mínimo apoio logístico<sup>13</sup>.

Entre o gesto do homem de apanhar pela primeira vez uma pedra com o fim de arremessá-la contra um de seus semelhantes, e a decisão de um chefe de Estado que dá a ordem para o lançamento de uma bomba nuclear, com um simples acionamento de um botão, são dois atos do pensamento que não duram mais que um instante, pode-se encontrar alguma coisa em comum? Um, dá testemunho do primeiro lampejo de reflexão decorrente de um ímpeto; o outro, se coloca no ápice do exame de uma situação e, quanto a isso, não duvidamos do senso de responsabilidade. (CORVISIER, 1999).

Dessa forma, percebe-se que “o homem é o produto final de uma decisão tomada ‘no começo do tempo’: a de matar para poder viver.” (ELIADE, 2010, p. 18) Porém, a mesma revolução cognitiva que possibilitou os progressos nas manifestações violentas, alterando seus motivos e seus modos, encaminhou, também, a formação de civilizações, pela linguagem e cooperação diferenciadas.

---

<sup>12</sup> Este trabalho utilizará a expressão “inconsciente ancestral” para simbolizar àqueles traços da psique verificados, em nossos ancestrais hominídeos e/ou Homo Sapiens.

<sup>13</sup> Atividades de produção de armamento e equipamentos de combate, além do fornecimento de água, alimentos, etc.

## 2.2 LINGUAGEM E COOPERAÇÃO.

A nossa capacidade, atual, e diferenciada dos demais animais, de cooperar para o bem comum, na maior parte do tempo, surgiu, a partir da revolução cognitiva, que estabeleceu novas formas de nos comunicarmos e possibilitou o estabelecimento de maiores agrupamentos de humanos.

O desenvolvimento da linguagem falada, apoiando-se no uso de símbolos que podiam ser detectados pelo ouvido e visão, adquiriu mais palavras e precisão, e impulsionou as relações sociais. Este é o provável segredo do sucesso dos *Homo sapiens*, pois nem mesmo os *Homo neandertais*, fortes, resistentes ao frio e de cérebro grande conseguiram resistir a nossa expansão. (BLAINEY, 2015).

“O *Homo sapiens* conquistou o mundo, acima de tudo, graças à sua **linguagem única.**” (HARARI, 2017, p. 27, grifo nosso).

Mas a característica verdadeiramente única da nossa linguagem não é sua capacidade de transmitir informações [...]. É a capacidade de **transmitir informações sobre coisas que não existem.** Até onde sabemos, só os *Homo sapiens* podem falar sobre tipos e mais tipos de entidades que nunca viram, tocaram ou cheiraram. (HARARI, 2017, p. 32, grifo nosso)

Por conseguinte, as novas capacidades advindas da revolução cognitiva possibilitaram não apenas aperfeiçoar a linguagem, mas também as ferramentas e o seu uso, porém a cooperação, em larga escala, estruturou-se principalmente pelo uso da linguagem.

Nossos ancestrais, os primatas antropóides da atualidade, exibem comportamentos de compaixão e colaboração, possuem uma linguagem que os permitem comunicar-se e auxiliam outros em necessidade. No entanto, essa cooperação é bastante diferente e não possibilita uma organização social comparada à complexidade das civilizações humanas. (DE WAAL, 2007).

Possivelmente, formas mais elaborada de cooperação, apenas foram possíveis de se verificar pelo desenvolvimento da capacidade de fala dos nossos antepassados e suas consequentes manifestações simbólicas. Os humanos passaram a criar símbolos para comunicar-se. Pelo exposto, percebe-se o papel relevante da linguagem para a comunicação e para a ficção (criações mitológicas) e da ficção para a cooperação.

A ficção nos permitiu não só imaginar coisas como também fazer isso coletivamente. Podemos tecer mitos partilhados, tais como a história bíblica da criação, os mitos do Tempo do Sonho dos aborígenes australianos e os mitos nacionalistas dos Estados modernos. Tais mitos dão aos *Homo sapiens* a capacidade sem precedentes de cooperar de modo versátil em grande

número. [...] Os *Homo sapiens* podem cooperar de maneiras extremamente flexíveis com um número incontável de estranhos. É por isso que os sapiens governam o mundo [...]. (HARARI, 2017, p. 33).

Verifica-se que apenas o *Homo sapiens*, pela sua recém-adquirida capacidade psíquica, a mitopoese da psique, pode criar símbolos para falar sobre coisas que existem, mas não estão presentes e, principalmente, sobre coisas que não existem de fato, dessa maneira acreditar em muitas coisas improváveis ou até impossíveis e transmitir essas informações. “Ninguém nunca convencerá um macaco a lhe dar uma banana prometendo a ele bananas ilimitadas após a morte no céu dos macacos.” (HARARI, 2017, p. 33).

A formação de bandos maiores e mais estáveis, apenas foi possível pela criação da ficção, dos mitos. A comunicação, certamente ajudou nesse processo, mas tem seus limites. Pesquisas sociológicas demonstraram que o tamanho máximo “natural” de um grupo unido pela comunicação direta fica no entorno de 150 indivíduos. A maioria das pessoas não consegue nem conhecer intimamente, nem conversar efetivamente sobre mais de 150 seres humanos. (HARARI, 2017).

Ultrapassar esse limite crítico, fundando cidades com dezenas de milhares de habitantes e impérios que governam centenas de milhões, apenas foi possível pelo surgimento da ficção. Um grande número de estranhos pode cooperar de maneira eficaz **se acreditar nos mesmos mitos**. (HARARI, 2017, p. 35, grifo nosso).

A caça e o conflito armado proporcionaram, ao homem, o entendimento do princípio que a união faz a força. Após esse passo capital o homem primitivo, por sua inteligência em desenvolvimento, compreendeu a virtude da união na luta contra as forças naturais. O caráter gregário criou a possibilidade da formação das civilizações, superando-se o limite crítico grupal, a partir da linguagem e dos mitos compartilhados. Porém, a solidariedade da cooperação é quase sempre seletiva e restrita ao grupo de pertença. Verifica-se que quando o número de beneficiários da união ultrapassa as possibilidades de subsistência, que lhes oferece o espaço geográfico comum, constata-se a rejeição de novos membros, cuja presença comprometeria a sobrevivência ou a conquista de outras áreas cuja posse estava com outro grupamento humano. Assim, os mitos compartilhados, que possibilitaram a cooperação em grandes grupamentos humanos, também deram causa aos conflitos armados.

Os mesmos humanos que se matam, de forma impiedosa, também cooperam pelo bem comum, e em ambos os casos o faz qualitativamente diferente dos outros animais. Nenhuma outra espécie consegue estabelecer enormes agrupamentos. A natureza humana, tal como ela se exhibe no comportamento cotidiano da maioria dos povos civilizados na vida moderna,

apesar das evidentes imperfeições, certamente é cooperativa e quase sempre benevolente. Para nós, a cultura parece ser um importante determinante de como os seres humanos se comportam que a partir de suas crenças.

### 2.3 CRENÇA E CIVILIZAÇÃO

A capacidade de comunicação, *per si*, não esclarece a surgimento dos grandes agrupamentos humanos. Outros animais, igualmente, se comunicam. Porém, comunicar-se por meio de símbolos, transmitindo informações precisas sobre algo que não está presente, é uma aquisição única do *Homo sapiens*. O uso de símbolos permitiu comunicar-se, também, sobre coisas, que não existem concretamente, que são apenas imaginadas, e proporcionaram a transformação das práticas mágicas dos hominídeos em mitos e religiões.

Apesar da “opacidade dos documentos” históricos, os hominídeos, considerados “*homo*”, possuíam também certos números de crenças e praticavam determinados ritos, assim verificamos que antes mesmo da chamada revolução cognitiva, os *homo* já vivenciavam a experiência do sagrado. (ELIADE, 2010)

Os citados “mitos compartilhados”, que provocou a explosão cultural, seriam uma aperfeiçoamento cognitivo da capacidade de crenças dos nossos antepassados originada do aperfeiçoamento da capacidade psíquica de criar símbolos. Constatamos que a função psíquica “crença” é anterior ao desenvolvimento das capacidades reflexivas, estando diretamente ligada às capacidades afetivas que herdamos de nossos antepassados, pertencente ao nosso inconsciente ancestral.

Lendas, mitos, e religiões apareceram com a revolução cognitiva. Os mitos compartilhados possibilitaram a ascensão das civilizações e suas instituições, verificamos que essa ocorrência se manifesta pela capacidade psíquica única dos humanos de elaborar crenças e não pelo conteúdo delas. Capacidade, essa, assentada nos primórdios da psique humana.

Segundo Harari (2017, p. 36), “nenhuma dessas coisas existe fora das histórias que as pessoas inventam e contam umas às outras. Não há deuses no universo, nem nações, nem dinheiro, nem direitos humanos, nem leis, nem justiça fora da imaginação coletiva dos seres humanos”.

[...] as pessoas entendem facilmente que os “primitivos” consolidam sua ordem social acreditando em deuses e espíritos e se reunindo a cada lua cheia para dançar juntos em volta da fogueira. **Mas não conseguimos avaliar que nossas instituições modernas funcionam exatamente sobre a mesma base.** (HARARI, 2017, p. 36, grifo nosso).

**Uma vez que a cooperação humana em grande escala é baseada em mitos, a maneira como as pessoas cooperam pode ser alterada modificando-se os mitos. Em determinadas circunstância, os mitos podem mudar, conseqüentemente alterando a maneira pela qual as pessoas cooperam entre si, conforme as necessidades.** Em 1789, a população francesa, deixou de acreditar no “mito” do direito divino dos reis e passou a acreditar no “mito” da soberania do povo. As conseqüências desta mudança, a Revolução Francesa, são bastante conhecidas. (HARARI, 2017).

O comportamento dos animais é determinado, em grande parte, por seus genes que direcionam os seus instintos. Porém o DNA não é o único determinante. O comportamento animal também é influenciado por fatores ambientais e por peculiaridades individuais. No entanto, em um ambiente estável, animais da mesma espécie tendem a se comportar de maneira similar. Em geral, mudanças significativas no comportamento social dos animais não podem ocorrer sem mutações genéticas. (HARARI, 2017).

[...] os humanos arcaicos **não iniciavam revoluções**. Até onde se sabe, as mudanças nos padrões sociais, a invenção de novas tecnologias e a consolidação de novos hábitos decorreram mais de mutações genéticas e pressões ambientais do que de iniciativas culturais. É por isso que levou centenas de milhares de anos para os humanos darem esses passos. Por sua vez, **desde a Revolução Cognitiva, os *Homo sapiens* têm sido capazes de mudar seu comportamento rapidamente, transmitindo novos comportamentos a gerações futuras sem necessidade de qualquer mudança genética ou ambiental**. Em outras palavras, enquanto os padrões de comportamento dos humanos arcaicos permaneceram inalterados por dezenas de milhares de anos, os *Homo sapiens* conseguem transformar suas estruturas sociais, a natureza de suas relações interpessoais, suas atividades econômicas e uma série de outros comportamentos no intervalo de uma ou duas décadas. (HARARI, 2017, p. 42-43, grifo nosso)

A imensa diversidade de realidades imaginadas que os *Homo sapiens* inventaram e a diversidade resultante de padrões de comportamento são os principais componentes do que chamamos “culturas”. Desde que apareceram, as culturas nunca cessaram de se transformar e se desenvolver e a partir da explosão cultural, as narrativas históricas substituem as narrativas biológicas como nosso principal meio de explicar o desenvolvimento do *Homo sapiens*. A diferença real entre nós e os outros animais é a liga mítica que une grandes quantidades de indivíduos, famílias e grupos. Essa liga mítica nos uniu em um universo simbólico. (BLAINEY, 2015, HARARI, 2017).

Dessa forma, percebe-se que

“o homem não pode fugir à sua própria realização. Não estando mais num universo meramente físico, **o homem vive em um universo simbólico**. [...] O homem envolveu-se de tal modo em formas simbólicas que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial” (CASSIRER, 2012, p. 48, grifo nosso).

Os fenômenos simbólicos manifestados pelos homens se podem reduzir às várias categorias sobrepostas hoje, mas que, lentamente, se sucederam no tempo, primeiro os fenômenos vitais (nutrição, respiração, etc.), seguidos dos fenômenos afetivos (sentimentos, paixões, agressividade, crenças, etc.), e por fim os fenômenos intelectuais (reflexão, raciocínio, etc.). Estes últimos, pelo que se verificou no desenvolvimento dos *Homo sapiens*, teve um surgimento muito recente na existência da humanidade. (HARARI, 2017; LE BON, 2013b [1922]).

A vida orgânica, a vida afetiva e a vida intelectual constituem assim três esferas de atividade muito distintas; mas, embora separadas umas das outras, incessantemente atuam umas nas outras. Dessa maneira fica impossível compreender a última sem considerar as primeiras. (DAMÁSIO, 2018; LE BON, 2013b [1922])

“As coisas físicas podem ser descritas nos termos de suas propriedades objetivas, **mas o homem só pode ser descrito e definido nos termos de sua consciência**.” (CASSIRER, 2012, p. 16, grifo nosso).

O sistema simbólico, verificado nas manifestações dos fenômenos intelectuais que irrompem na consciência, é constantemente influenciado pelos fenômenos do inconsciente. Os fenômenos orgânicos e os sentimentos só entram na consciência após uma elaboração automática praticada nessa, ainda obscura, zona inconsciente. A partir dessas constatações se compreende que os fenômenos intelectuais podem ser entendidos como substratos dos fenômenos psíquicos anteriores.

Percebe-se que na psique humana se inter-relacionam as capacidades que possibilitaram nossa ascensão e domínio sobre os outros animais. A linguagem e a crença possibilitaram a formação de agrupamentos humanos maiores e mais complexos, e a agressividade consubstanciada no uso da violência exerceu papel fundamental nessa caminhada para o “domínio” do planeta Terra. A linguagem mais elaborada é um fenômeno recente da nossa espécie desenvolvida a partir da revolução cognitiva, já a agressividade e a crença são capacidades muito mais antigas, presentes em nosso inconsciente ancestral.

O homem é um ser orientado e influenciado pelas suas “crenças”. A crença é proveniente de uma função psíquica com bases arquetípicas do inconsciente coletivo

(inconsciente ancestral) e pouco se sabe sobre seus mecanismos apenas visualizamos seus efeitos. Jung (OC X/1) nos indica a existência da função religiosa da psique. Essa característica da psique é corroborada pela constatação de diversos pesquisadores.

A capacidade psíquica para a crença possibilitou o surgimento de civilizações e a necessidade de organização deu origem aos sistemas políticos que impulsionaram o surgimento da burocracia e da escrita. A partir deste momento podemos acompanhar os encaminhamentos das civilizações pelas contribuições da história. Não se pretende realizar uma retrospectiva histórica das ascensões e quedas de civilizações apenas destacar a relevância fundamental das guerras neste processo.

Não se pode deixar de reconhecer que os conflitos armados desempenharam um papel fundamental na história da humanidade e através dele que as sociedades se modificaram para o que é hoje, a ascensão e quedas de impérios, reinos e civilizações dependeram da aplicação de forças militares.

Nem sempre o conflito armado foi percebido como uma atrocidade desnecessária e prejudicial à evolução da humanidade. Muitos avanços tecnológicos (tecnologia enquanto inovações técnicas e materiais) surgiram dos conflitos armados, e/ou para ele, e a humanidade se favoreceu bastante com essas inovações.

Porém, apesar de todas as mudanças que tiveram lugar na história da humanidade, pela ocorrência dos conflitos armados, se alterou a crença da maioria dos povos sobre o esse fenômeno. Atualmente, o conflito armado, não é uma ocorrência aceitável pela maioria, mas apesar do desagravo, ele ainda continua a existir e não dar indícios que desaparecerá. Observando a situação com um pouco de perspectiva, os conflitos armados, na atualidade, fazem pouco ou nenhum sentido. Entretanto eles parecem ser partes de uma condição humana, do ser do humano.

Não se sabe precisar o momento exato da mudança, talvez por que não tenha ocorrido uma mudança súbita na percepção sobre o fenômeno do conflito armado, é provável que aos longos dos últimos séculos, com a ascensão da civilização cristã, aos poucos a cultura dos povos “evangelizados” fora se alterando. Após ultrapassar determinado ponto crítico, o conflito armado passou a não ser uma prática facilmente aceitável.

Dessa forma, percebemos como a crença, proveniente de uma função psíquica inata, sempre esteve presente na nossa espécie impulsionando as mudanças no passado. Na atualidade continua a atuar com o mesmo potencial de impulsionar mudanças significativas nos costumes dos povos, inclusive na mudança de perspectiva sobre o milenar conflito armado impulsionando a busca por uma “solução”.

A partir das reflexões estimuladas por este breve apanhado da pré-história da humanidade e do destaque realizado a características psíquicas que possibilitar o surgimento do conflito armado e das civilizações, pode-se prosseguir acompanhando nos antecedentes do fenômeno “conflito armado”, o fenômeno propiciador. Pretende-se, dessa maneira, refletir sobre o papel das crenças, impulsionadas pela agressividade e em interação com fatores ambientais, na fomentação dos conflitos armados a partir das influências exercidas pelos mecanismos da seleção tecnológica, até os dias atuais.



### 3 A FULGA DA ARMADILHA MALTHUSIANA

“Entre os golpes de machado e os mísseis, a diferença não é de natureza, mas de grau”.  
(René Girard, 1923-2015)

O homem moderno é o resultado de um processo evolutivo que proporcionou avanços diferenciados em sua capacidade psíquica e social. Em todas as espécies, o processo evolutivo propiciou a seleção das características que possibilitaram a sobrevivência dos mais aptos ao longo dos tempos. O principal fator a impulsionar o processo evolutivo das espécies foram as mudanças climáticas, muitas espécies desapareceram da face da Terra em decorrência delas.

Porém, o equilíbrio entre as espécies, nos períodos de certa estabilidade climática, deve-se, principalmente, à interação entre as populações e a oferta de alimentos, “a luta pela sobrevivência entre todos os seres vivos do mundo, que é inevitavelmente subsequente ao crescimento das populações em progressão geométrica. É a doutrina de Malthus, aplicada aos reinos animal e vegetal” (DARWIN, 2009 [1859], p. 33).

Como nascem muitos mais indivíduos de cada espécie do que aqueles que podem subsistir, e como, conseqüentemente, há uma luta recorrente pela sobrevivência, acontece que cada ser vivo que sofra variações, ainda que ligeiras, que de algum modo lhe sejam favoráveis, sob condições de vida complexas e por vezes variáveis, vai ter melhores probabilidades de sobreviver, e, assim, de ser naturalmente selecionado. Segundo o forte princípio da hereditariedade, qualquer variedade selecionada tenderá a propagar a sua nova forma modificada. (DARWIN, 2009 [1859], p. 33)

A teoria malthusiana, publicada em 1798, foi elaborada quando na Inglaterra estava em curso a Revolução Industrial, e preconizava que o aumento da população humana, se não controlado, ocorreria em progressão geométrica e superaria a capacidade de produção de alimentos que aumentava em progressão aritmética, levando inevitavelmente à fome e à uma desestruturação da vida social. (MALTHUS, 1996 [1798]).

Malthus enganou-se em sua análise da conjuntura do cenário mundial de seu tempo e o futuro não confirmou sua previsão. Apesar de ter acertado em relação ao aumento populacional Malthus não imaginou os avanços tecnológicos que estariam por vir, como a mecanização do campo que aumentou a produção alimentícia. Contudo, apesar deste engano, Malthus nos deixou uma teoria com um princípio válido para o homem e demais espécies.

Existe uma relação direta entre o tamanho populacional das espécies e a oferta de alimento, este é um dos mecanismos da seleção natural citado por Darwin.

Por causa da importância da *lei populacional malthusiana*, e a fim de evitar qualquer equívoco, é aconselhável deixar explícito o que a lei *não* afirma. A lei não determina onde exatamente está o ponto ideal de combinação [...], somente que este ponto existe<sup>14</sup>. (HOPPE, 2018, p. 50).

Entretanto, os avanços diferenciados do homem moderno não podem ser atribuídos exclusivamente aos processos da seleção natural, como já abordado anteriormente. Ao criar a primeira ferramenta o homínídeo assumiu uma posição diferenciada na cadeia alimentar. A partir deste momento, os humanos ampliaram sua possibilidade de caça e de defesa contra animais de grande porte.

Esta vantagem proporcionou melhor acesso aos recursos naturais, melhor defesa contra os grandes animais carnívoros e um conseqüente aumento populacional. Todavia, deve-se considerar que todo aumento populacional, invariavelmente, levará a espécie à ultrapassar o ponto crítico a partir do qual a oferta de alimentos se torna insuficiente. Neste momento podemos vislumbrar algumas possibilidades para os nossos antepassados escaparem da armadilha malthusiana, ou seja, a morte pela fome, são elas, o conflito pelo alimento ou a migração. Continuamente, com o aumento populacional, ocorria a divisão dos grupos que se tornaram muito grandes e a migração para outras áreas. Provavelmente, este é o momento dos primeiros conflitos armados entre grupos, ou dos grupos, inicialmente isolados, que dominaram a tecnologia da pedra lascada contra aqueles que não a dominavam, a disputa pelos recursos levou a prevalência do mais apto. Não tardou para que os grupos que não dominavam a tecnologia da pedra lascada desaparecessem. Eis que destacamos o surgimento de um novo processo evolutivo, a seleção artificial, que possui como fenômeno propiciador, invariavelmente, o aumento populacional.

A seleção artificial surgiu com o uso das ferramentas pelos homínídeos e apenas os grupos que possuíam essa capacidade prevaleceram na disputa direta ou indireta pelos recursos, assumindo status diferenciado na cadeia alimentar. Entretanto, o lugar diferenciado na cadeia alimentar levou ao constante aumento populacional, aos conflitos armados e a conseqüente necessidade de migração. Os homínídeos se espalharam, pouco a pouco, pelo globo, processo que levou milhares de anos. Conseqüentemente, as pressões da seleção natural, que permaneceram sempre atuantes, deram origem às diversas espécies de *Homo*. A próxima grande inovação que proporcionou uma vantagem adicional aos *Homo* foi o domínio do fogo. O fogo possibilitou ampliar a disponibilidade de alimentos, pelo cozimento, e as possibilidades de caça e defesa. Os *Homo* passaram a serem “generalistas”, ou seja,

---

<sup>14</sup> A armadilha malthusiana é o ponto crítico do equilíbrio entre o tamanho populacional e a oferta de recursos que quando ultrapassado provoca diminuição da renda per capita, provocando fome e desestruturação social.

desenvolveram a capacidade de adaptar-se às bruscas mudanças climáticas e a realizar mudanças no consumo de suprimentos, buscando outras alternativas alimentares quando necessário, àqueles grupos que continuavam “especialista”, desaparecem com as mudanças climáticas.

Entre 4,5 milhões de anos à 70 mil anos atrás, esse processo evolutivo prosseguiu, as mudanças provocadas pela seleção natural e pela seleção artificial levaram os *Homo* a um desenvolvimento psíquico diferenciado das demais espécies, e o surgimento de diversas espécies de *Homo*. Estima-se que o último período de resfriamento significativo da Terra, ocorreu entre 80 mil a 70 mil anos atrás, e que a população de *Homo Sapiens* não passava de 5 mil indivíduos isolados (BLAINEY, 2015). No entanto, há 70 mil anos os *Homo Sapiens*, isolados, desenvolveram capacidades psíquicas “superiores” aos demais *Homo*, criaram mais ferramentas e uma organização social diferenciada, pelo uso da linguagem simbólica. Os *Homo Sapiens* obtiveram, dessa maneira, vantagens na competição pelos recursos disponíveis o que possibilitou um novo crescimento populacional que invariavelmente levou à migração e à disputa por recursos com os outros *Homo*. Neste novo conflito armado os *Homo Sapiens* prevaleceram e dominaram o mundo (hoje somos mais de 7 bilhões de indivíduos).

As sociedades caçadoras e coletoras tinham vidas essencialmente parasitárias. Isto é, não acrescentavam nada ao suprimento natural de bens. Apenas esgotavam os suprimentos. Não produziam (salvo algumas ferramentas), apenas consumiam. [...] esta forma de parasitismo obviamente envolveria o insolúvel problema do crescimento populacional. (HOPPE, 2018, p. 33)

Agora no topo da cadeia alimentar e sem a concorrência de outros *Homo*, os grupos humanos (*Homo Sapiens*) passaram a concorrer entre si, e a armadilha malthusiana inalteravelmente cobraria seu preço. Dessa maneira, os grupos do *Homo Sapiens* passaram a migrações, pelas pressões do aumento populacional, e se expandiram por todo o planeta, passaram, também, a disputar os recursos entre si, em conflitos armados nas chamadas guerras primitivas. Este contexto impulsionou uma diferente forma de seleção, para além das pressões existentes da seleção natural e artificial, pois os grupos humanos estavam nivelados em capacidades e ferramentas. Assim sendo, os grupos que desenvolviam melhores formas de organização social superavam os demais na guerra primitiva e sobreviviam para transmitirem esses complexos culturais (crenças, saberes e conhecimentos) aos seus descendentes. Chamamos essa evolução das “ideias” de seleção cultural.

Como o tamanho da população não podia se mantido estável, só havia três alternativas para o “excesso” populacional que emergia continuamente.

Podia-se lutar pelos suprimentos de comida, podia-se migrar ou podia-se adotar um modo de organização social novo e tecnologicamente avançado que permitisse que uma população maior sobrevivesse no mesmo território determinado. (HOPPE, 2018, p. 34).

Dentro desse contexto da seleção tecnológica, sobreviviam os grupos com indivíduos com melhores capacidades psíquicas e melhores complexos culturais, paralelamente selecionavam-se os mais aptos.

Em seguida, surge a ideia do assentamento permanente com a domesticação de plantas e animais, como alternativa ao conflito armado, no momento em que a escassez de território, praticamente, inviabilizava a migração. A aparente simplicidade da ideia esconde sua verdadeira natureza revolucionária, pois até este momento, por milhões de anos, a nossa espécie adotava a forma de vida, exclusivamente, nômade como “caçadores e coletores”. Os grupos sedentários passaram, com essa inovação, a dispor de recursos em uma condição muito superior aos grupos de modo de vida nômade de caçadores e coletores. Dessa maneira, os sedentários conseguiram manter populações maiores no mesmo território. Essa mudança revolucionou a organização social e inaugurou o surgimento da propriedade privada e a inevitável necessidade de defendê-las de invasores, pois é muito provável que grupos humanos nômades adentrassem em áreas de cultivo e quisessem ter acesso a esses recursos produzidos.

A posse da terra passou a conferir uma vantagem crucial para sobrevivência e demarca o início do processo que acabou com as sociedades primitivas igualitárias<sup>15</sup>. Neste contexto, restou aos grupos humanos nômadas a alternativa de imitar as sociedades sedentárias ou migrarem para territórios sem “proprietários”. Provavelmente, no início, havia muitas terras disponíveis para expansão dos excedentes populacionais dos sedentários, mas não tardou para que a armadilha malthusiana entrasse em ação com o crescimento populacional e ocorresse o esgotamento das terras disponíveis. O contexto de disputas pela posse das terras levou à eliminação da maioria dos grupos nômades. O conflito armado evoluiu com as novas formas de organizações sociais, e àqueles grupos com os melhores complexos culturais prevaleciam sobre os demais, conquistavam mais terras e se expandiam. Este momento o conflito armado caracterizou-se na luta pela terra.

---

<sup>15</sup> Consideram-se as sociedades primitivas como igualitárias no sentido da posse privada de instrumentos (eram poucos e todos os possuíam), entretanto estes grupos possuíam estruturas hierarquizadas, com a constante disputa pelo poder. Assim, os homens ocupavam a posição superior às mulheres e às dominavam (essas eram muitas vezes tratadas como mercadorias). Além disso, existia a hierarquia tanto entre os membros dos grupos do sexo masculino como do sexo feminino, e a disputa pelo poder levava os perdedores a serem feridos gravemente ou mortos. Apesar dessas características nas sociedades primitivas todos tinham acesso aos recursos, com algumas diferenças na distribuição conforme o status ocupado no grupo.

A instituição da propriedade agrícola privada e da família e a prática da agricultura e da criação de animais são [...] invenções racionais, uma solução nova e criativa para o problema enfrentado por caçadores e coletores tribais de equilibrar o crescimento populacional e a falta cada vez maior de territórios. (HOPPE, 2018, p. 22).

Neste contexto, provavelmente a instituição “família”, como a conhecemos na atualidade, propiciava a diminuição das pressões internas nos grupos humanos. Podem-se destacar alguns motivos que se alinham com características psíquicas, supracitadas no capítulo anterior, próprias do ser do humano. Inicialmente, a divisão das terras por famílias diminuía a disputa pelos recursos produzidos, cada família ficava com sua produção, realiza o escambo com as demais famílias do grupo, e poderia auxiliar àquelas em dificuldade com o excesso de sua produção, provavelmente na expectativa de ser ajudada em uma necessidade futura, fortalecendo a cooperação.

A disputa por sexo, também, é bastante abrandada, pois cada homem poderia, ao formar sua família, ter acesso exclusivo ao sexo. Contudo, esse homem tornou-se responsável pela sobrevivência de sua(s) mulher(es) e de sua prole, essa situação impulsionou o controle de natalidade nos grupos, pois nenhum homem poderia gerar filhos que não pudesse sustentar, o que levou a uma diminuição do ritmo do aumento populacional. Além dessas “vantagens”, nos grupos humanos sedentários algumas famílias puderam se especializar na produção de determinados “artefatos” tornando-se artesãos, essa atividade progressivamente foi ampliando-se possibilitando o surgimento de pequenas cidades e do comércio, posteriormente transformando-se em civilizações. Essa forma de organização social superou, eventualmente, qualquer outra que tenha surgido entre os sedentários. O comércio crescente criou um novo motivo para às guerras, além da disputa territorial, adicionou-se a disputa pelas rotas comerciais.

Entretanto, as agressões e as guerras foram amenizadas, no período pós-revolução agrícola, ao contrário do que comumente é descrito (aumento das agressões e guerras como resultado do surgimento da civilização). O homem primitivo foi muito mais belicoso que o homem moderno. Estima-se que, em média, 30% de todos os homens nas sociedades de caçadores e coletores morreram de causas violentas (agressões e guerras), muito mais do que nas sociedades modernas. (KEELEY, 2011)

Além disso, na medida em que um homem acrescenta algo ao total da oferta de bens disponíveis, também existe a razão para que outro homem *não* interfira com suas atividades, mas, em vez disso, deixei-o prosseguir e se beneficie dele e de sua atividade ao realizar com ele trocas comerciais

mutuamente benéficas e, por consequência, desenvolver sentimentos solidários com este seu semelhante. Deste modo, embora a civilização não elimine os impulsos *agressivos* do homem, pode diminuí-los e atenuá-los e de fato o faz. (HOPE, 2018, p. 38, grifo do autor).

Seis mil anos depois do surgimento dos primeiros assentamentos permanentes começam a se organizarem as primeiras civilizações e a guerra ganhou novos contornos. Deixou-se para trás os modos de combate primitivo e passou-se a guerra civilizada, na qual toda a nação colaborava, com combates “permanentes” ou com o fornecimento do complexo apoio logístico. A partir deste momento, podemos acompanhar a evolução da humanidade pelos registros históricos. A seleção natural passa a exercer uma pressão muito inferior a proporcionada pela seleção tecnológica. A inovação com novas ferramentas confere vantagens nas guerras, nas expansões ou nas defesas, assim como as novas formas de organizações sociais propiciadas pelos complexos culturais.

Percebe-se a constante interação entre os aspectos psíquicos e os fatores ambientais da ação humana, mas principalmente, que os aspectos agressividade, violência, poder, cooperação e crença, permaneceram presentes no inconsciente coletivo impulsionando os diferentes encaminhamentos da humanidade, contudo, agora, direcionados pelos complexos culturais, as ideias circulantes e “sobreviventes” que formavam a consciência coletiva.

A evolução humana prossegue e invariavelmente chegaríamos a uma nova encruzilhada. Os novos modos de vida possibilitaram um rápido aumento populacional (apesar da criação da instituição “família”) muito superior ao ocorrido no passado de nossa espécie. No início da revolução agrícola, estima-se em 4 milhões a população mundial, que com o novo modelo socioeconômico aumentou para algo no entorno de 720 milhões em 1800 d.C. Menos de 2% da população mundial vivia em cidades, a maior parte vivia no campo produzindo sua subsistência e um excesso para o comércio e pagamento de impostos. Os recursos, inevitavelmente, se tornaram insuficientes e os conflitos armados novamente se agravaram. (HOPPE, 2018).

Entretanto, as civilizações não lutam apenas por recursos. Outro aspecto psíquico ganha importância neste período “histórico” dos conflitos armados, a influência crescente das crenças dos povos. As civilizações se estruturaram a partir dos mitos compartilhados e estes participam dos encaminhamentos dos conflitos armados. Nos últimos cinco mil anos são vastos os registros de guerras e as causas são geralmente atribuídas à disputa por recursos e relacionadas também, direta ou indiretamente, às crenças. É relevante ressaltar que, pelo aspecto simbólico da psique humana, o entendimento do que vem a ser “recurso” foi continuamente alterado, juntamente com as culturas. Dessa maneira, coisas que são

indispensáveis para alguns povos civilizados, gerando guerras, eram irrelevantes para os povos primitivos ou civilizações anteriores.

É provável que a atribuição a motivos religiosos para o conflito armado, seja este, na realidade, uma consequência dos motivos psíquicos primordiais que o impulsionaram desde a antiguidade. Qualquer civilização, em qualquer tempo, sofreu com o aumento populacional e o consequente “colapso” da escassez de recursos. As campanhas expansionistas, com seus motivos mitológicos, seriam uma “boa maneira” de aliviar as pressões internas e dar vazão à agressividade, pela violência e disputa de poder. Assim sendo, a busca de poder nada mais seria que uma variação da mesma necessidade primitiva por recursos ou para garantir vantagem na sua aquisição.

Entretanto, os conflitos da contemporaneidade indicam que a escassez não ocupa o mesmo lugar, anterior, a impulsionar os conflitos armados. A humanidade, na atualidade, possui a capacidade de produzir recursos suficientes para alimentar e suprir as necessidades básicas de todos os povos. Pode-se atribuir essa mudança de disponibilidade de recursos à revolução industrial que possibilitou a humanidade escapar de uma nova encruzilhada da armadilha malthusiana no final do século IX. Percebe-se que a inovação aparece, constantemente, como a principal variável que conferiu e confere o diferencial da humanidade na busca pela sobrevivência, porém, especificamente este momento histórico da revolução industrial conferiu uma mudança substancial nos modos de vidas das civilizações.

Dessa forma, para compreender particularidades das guerras da atualidade e o papel da psique neste evento faz-se necessário compreender a mudança operada pela revolução industrial na dinâmica dos povos e seus reflexos nos conflitos armados.

### 3.1 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

No momento em que a maioria da humanidade alcançou determinado avanço nas suas capacidades psíquicas e da consciência coletiva, propiciado pela seleção tecnológica, foi possível o surgimento de novas soluções ao antigo problema do constante aumento populacional. (HOPPE, 2018).

A revolução industrial ocorreu em momento posterior à revolução científica, que possibilitou o surgimento das ideias que impulsionaram um grande número de mudanças no sistema econômico, social e político no mundo. Pouco a pouco se inicia a revolução industrial na Inglaterra se espalhando por outros países europeus e posteriormente para todo o mundo.

Destaca-se também, que os contínuos avanços materiais proporcionados pela revolução científica e industrial impactaram na importância das religiões para os povos. As religiões, que são instituições milenares, possuíam grande relevância na determinação da vida social pelas suas normas morais, porém foram perdendo “credibilidade” sendo relegada ao status de um conhecimento de menor importância. As crenças científicas passaram, paulatinamente, a possuir maior valorização que às crenças religiosas.

A filosofia materialista passou a dominar a ciência na segunda metade do século XIX e foi estreitamente associada à ascensão do ateísmo na Europa. Os ateus do século XXI, assim como seus predecessores, acreditam que a doutrina materialista é representada por fatos científicos estabelecidos, e não apenas por pressuposições. (SHELDRAKE, 2014, p. 30).

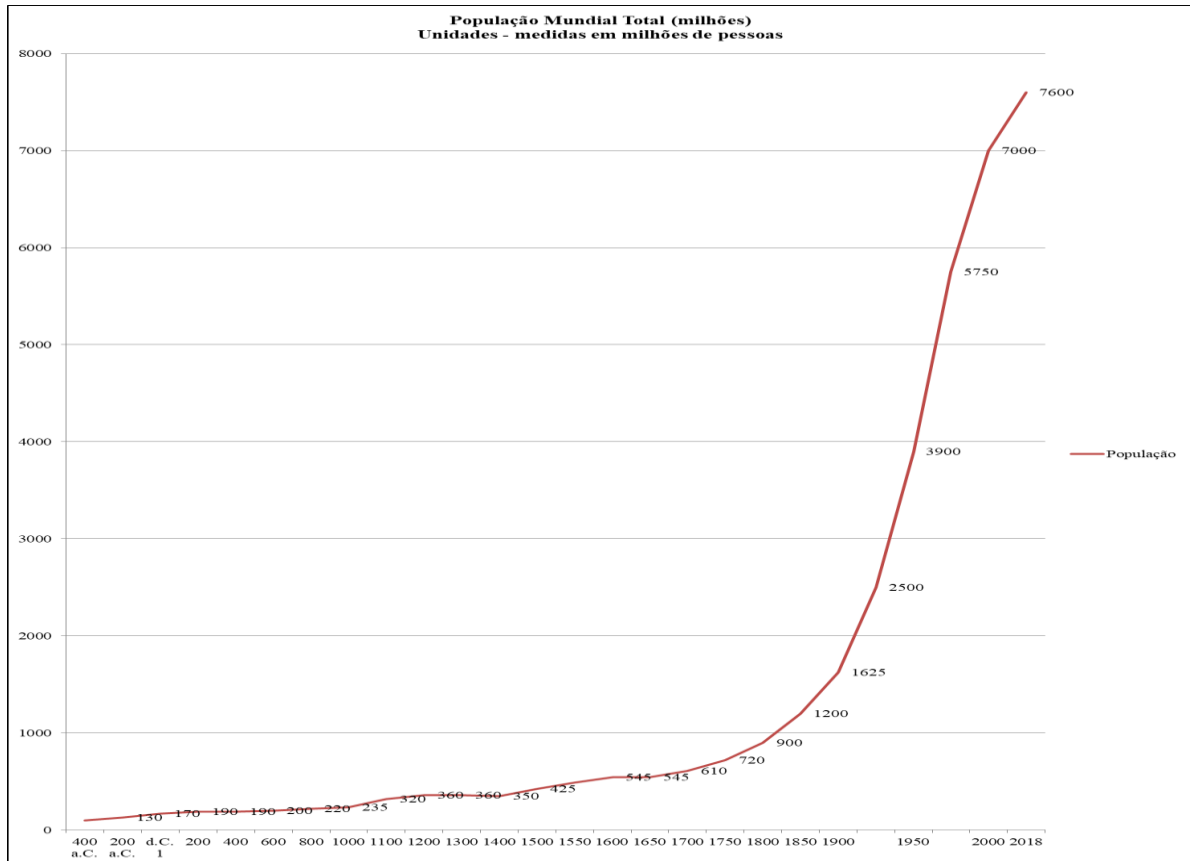
Neste contexto, percebe-se que a função religiosa da psique, que possui o potencial para o desenvolvimento da atitude religiosa, passou a ser reprimida pelo avanço da atitude racional, ampliando a suscetibilidade dos povos às possessões coletivas.

Entretanto, os benefícios da revolução industrial superaram as expectativas de todos, dos otimistas, mas principalmente, dos pessimistas. Na atualidade a humanidade desenvolveu a capacidade científico-tecnológica para alimentar toda sua população mundial e estamos longe de atingir o limiar de uma nova encruzilhada. Entretanto, muitos países ainda sofrem com a miséria e a fome, e os conflitos armados não cessaram.

Parece que a velocidade das mudanças promovidas pela revolução industrial não possibilitou a humanidade como um todo, uma similar evolução psíquica e da consciência coletiva, que permitisse uma mudança na dinâmica milenar de guerra e paz, e a cooperação mais ampla entre os povos e não prioritariamente dentro de uma mesma nação.

As figuras abaixo ilustram a dinâmica entre aumento populacional versus os recursos disponíveis e o papel do limite crítico da armadilha malthusiana em influenciar o surgimento de conflitos armados ao longo da história da humanidade, até a revolução industrial.

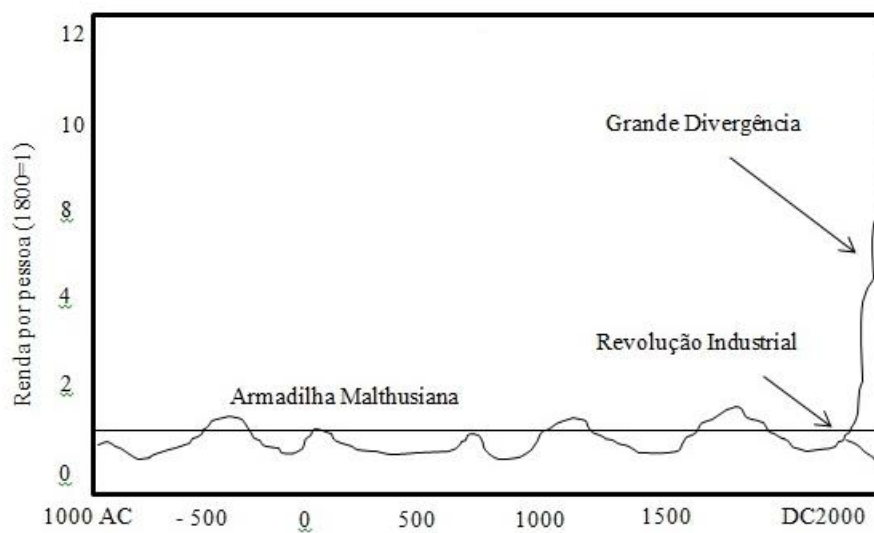




Fonte: HOPPE, 2018, p. 89; NAÇÕES UNIDAS, 2018.

Figura 1 – População mundial

História Econômica Mundial em Uma Imagem.  
O rendimento cresceu em muitos países depois de 1800,  
mas diminuiu em outros.



Fonte: HOPPE, 2018, p. 91

Figura 2 – Renda por pessoa

O aumento populacional ocorrido após a revolução industrial não afetou a disponibilidade de recursos *per capita* que continuou crescente e proporcionaram ao homem moderno condições de vida nunca antes experimentadas em toda a nossa história e pré-história. Contudo, alguns povos tiveram sua situação deteriorada com a diminuição de recursos *per capita* provocando condições sociais bastante instáveis.

A armadilha malthusiana parece ser a responsável pelas condições sociais instáveis, pois cria uma configuração ambiental que propicia as possessões coletivas que tem a potencialidade de conduzir as coletividades aos embates. Os conflitos, nessa situação, podem ocorrer dentro de um Estado-nação, com o aumento da criminalidade e uma posterior revolução, e entre Estados-nação pode conduzi-los à guerra.

Em ambos os casos, um segmento da população afetada pelas condicionantes da crise social, busca a alternativa da migração para outras áreas com melhores condições de vida. Essa situação, na atualidade do acelerado crescimento populacional, tem possibilitado uma enorme crise humanitária de refugiados, além de indica que o fenômeno propiciador da armadilha malthusiana em interação com as características psíquicas herdadas de nossos antepassados continua atuante.

A população a nível mundial tem crescido rapidamente e hoje algo em torno de 54% vive em áreas urbanas, e se espera um aumento para 66% até 2050. Entretanto, em países desenvolvidos, como nos EUA, a taxa de população urbana é bastante superior chegando a 82,1% do total, em dados de 2017. (NAÇÕES UNIDAS, 2018).

Nesse contexto fica evidente que a posse da terra não ocupa a mesma importância do passado, cada vez mais uma quantidade menor de pessoa, pelo uso da tecnologia, produz o suficiente para alimentar as populações rurais e urbanas. A migração do campo para as cidades levou a um aumento na necessidade de empregos, levando muitos a trabalhar nas indústrias ou nos serviços, e a necessidade de preparar esse contingente para o trabalho. As inovações constantes na indústria e o surgimento de uma ampla variedade de serviços tem possibilitado absorver esse excesso de mão de obra disponível, mas as condições sociais mantêm-se em um equilíbrio precário.

As previsões de um mundo melhor a partir dos avanços científico-tecnológicos não se concretizaram, pois parece que apenas vislumbravam uma parte da variável do problema (população versus recursos), àqueles externos ao homem. Imaginava-se que o aumento da disponibilidade de recursos extingiria a causa principal que levava os povos a guerra, porém não se considerou os aspectos inerentes ao ser do humano, em sua psique está a causa de todo bem e todo o mal vindouro, pois na atualidade ainda sofremos influências de nosso

inconsciente ancestral e as “consciências coletivas” não foram capazes de um aperfeiçoamento que minimize esse impulso em grande escala.

Portanto, verifica-se ainda hoje que não se produziu uma cooperação ampla, irrestrita e genuína entre os povos, e a busca de poder continua a gera desequilíbrios e condições sociais que deixam muitos povos em crise pela escassez de recursos.

Constata-se que os avanços do saber (das ideias circulantes) não foram suficientes para nos livrar dos mecanismos da seleção tecnológica e das influências de nosso inconsciente ancestral. Os povos que possuem maior capacidade científico-tecnológico vivem em boas condições de acesso a recursos, até pode-se afirmar que o consumo supera em muito as necessidades, enquanto outros povos vivem na miséria com menos que o necessário.

As relações entre os Estados são mediadas por complexos interesses internacionais e aqueles países com elevada capacidade militar ditam os rumos das negociações. Possuir a bomba atômica é um diferencial surgido na II Guerra Mundial. Os países que a possuem evitam a todo custo entrarem em conflito direto, as guerras ocorrem nas “periferias” entre países sem arsenal nuclear ou entre um com arsenal e outro sem. Entretanto, essa dinâmica não parece ser sustentável. Os países “mais desenvolvidos” impõem suas condições no comércio mundial mantendo muitos países “em desenvolvimento” sob condições precárias, inevitavelmente essa situação levará a humanidade a um colapso e um provável conflito armado de grandes proporções, pois o aumento populacional parece ser inevitável.

A mesma revolução industrial que possibilitou a ampliação da capacidade de produção de recursos da humanidade, também possibilitou enormes avanços na produção de armamentos, cada vez com maior potencial de destruição. A continuidade deste modelo poderá nos conduzir a concretização da previsão atribuída à Einstein, ele teria afirmado que: “não sei com que armas a Terceira Guerra Mundial será lutada, mas a Quarta Guerra Mundial será lutada com paus e pedras”.

Em comum com os conflitos armados de períodos anteriores, a atualidade aponta para o gigantesco aumento populacional levando a crises pela escassez de recursos. Em algumas nações essa situação impossibilita a estabilidade, pois favorece as condições para a permanente influência do nosso inconsciente ancestral em nossas ações. A inconsciência do homem moderno racional sobre a influência exercida pelo inconsciente coletivo nas suas condutas é um fator agravante. Vivemos a época das massas e o conflito armado sofreu enorme interferência dessa impactante transformação social. As crenças dos povos transformaram-se em uma variável preponderante para a guerra e para a paz. Essa influência,

conforme observado e relatado por Le Born, não é tão recente, apenas ganhou maior dimensão na atualidade.

As grandes perturbações que precedem as mudanças de civilizações, tal como a queda do Império Romano e a fundação do Império Árabe, por exemplo, parecem, numa primeira abordagem, determinadas principalmente por transformações políticas consideráveis: invasões de povos ou derrubada de dinastias. Mas um estudo mais atento desses acontecimentos mostra que, por detrás de suas causas aparentes, encontra-se na maioria das vezes, como causa real, uma modificação profunda nas ideias dos povos. As verdadeiras perturbações históricas não são aquelas que nos impressionam por sua grandeza e sua violência. As únicas mudanças importantes, aquelas de onde decorre a renovação das civilizações, se operam nas ideias, nas concepções e nas crenças. Os acontecimentos memoráveis da história são os efeitos visíveis das invisíveis mudanças no pensamento das pessoas. Se esses grandes acontecimentos se manifestam tão raramente é porque não há nada de mais estável em um povo do que o fundo herdado de seus pensamentos. (LE BON, 2013a [1895], p. 6).

Assim sendo, percebemos que o fenômeno da possessão coletiva se manifesta como pano de fundo nos momentos de crise, impulsionando as mudanças do pensamento, que possuem como efeito os grandes acontecimentos que levam aos conflitos armados e a mudanças nas civilizações. A manifestação da possessão coletiva seria o efeito de uma configuração ambiental e psíquica que possibilita essa contaminação psíquica das massas. A atuação dessas multidões pode ser considerada, direta ou indiretamente, o estopim para a eclosão de conflitos, que podem descambar em guerras e/ou revoluções.

Jung, igualmente, destaca a importância da psique nos grandes acontecimentos registrados pela história que, apesar de inconsciente, capturam as massas e às impulsiona aos conflitos.

Olhando a história da humanidade só vemos a superfície mais externa dos acontecimentos e estes ainda distorcidos pelo espelho turvo da tradição. O que realmente aconteceu isto escapa ao olhar perquiridor do historiador, pois o fator realmente histórico está bem oculto; é vivido por todos mas observado por ninguém. É a vivência mais subjetiva e mais privada da vida psíquica. Guerras, dinastias, revoluções sociais, conquistas e religiões são os sintomas mais superficiais de uma atitude psíquica secreta do indivíduo que ele próprio desconhece e, portanto, não é transmitida a nenhum historiador; os fundadores de religiões são talvez aqueles que mais informações podem dar. (JUNG, OC. X/1, § 315, grifo nosso).

Le Bon, ainda destaca que

[...] a época atual constitui um daqueles momentos críticos em que o pensamento humano se encontra em visa de transformação. Dois fatores essenciais estão na base dessa transformação. O primeiro é a destruição das crenças religiosas, políticas e sociais de onde derivam todos os elementos da

nossa civilização. O segundo é a criação de condições de existência e de pensamento inteiramente novas, originadas pelas modernas descobertas da ciência e da indústria. (LE BON, 2013a [1895], p. 4).

A inclusão da observação do fenômeno da possessão coletiva, nos exames dos conflitos armados, sejam eles guerras ou revoluções, permite a integração de variáveis antes ignoradas nas interpretações de suas causas. Percebe-se o lugar da função religiosa da psique e das crenças, sejam elas religiosas ou científicas, na configuração do ambiente psíquico coletivo dos povos antes da eclosão dos conflitos que podem conduzir a conflitos armados. Percebe-se que os colapsos sociais provocados pela desestabilização suscitada pelos aumentos populacionais e escassez de recursos, são os catalizadores das características psíquicas inconscientes que propiciam os conflitos.

Em resumo, a dinâmica parece repetir-se, principalmente na atualidade, pela evolução da tecnologia da informação. Inicialmente ocorre uma crise social, as ideias, em vigor, aceitas pela maioria de um povo, são questionadas e outras, progressivamente, são adotadas. Porém esse processo não é racional, e percebe-se a possessão das coletividades pelas propostas de salvação das ideias alternativas, com forte apelo afetivo. Verificamos o funcionamento dos mecanismos da seleção cultural. Ideias que se opõem são defendidas por grupos diferentes em um Estado-nação ou de Estados-nação diferentes, os grupos estão verdadeiramente possuídos pelas ideias e nenhuma tentativa racional de conciliar o conflito parece funcionar. O que se destaca é esse potencial da contaminação psíquica que leva ao rebaixamento das ações orientadas pela razão e a preponderância da influência do inconsciente coletivo (instintos e arquétipos). Nessa condição a temperatura afetiva eleva-se até a eclosão de conflitos com a possibilidade de conduzir ao conflito armado.

Os conflitos armados ou guerras civilizadas eram caracterizados pela luta entre nações, e os conflitos armados internos não chegavam a tomar proporções a desestruturar suas organizações sociais. A partir da revolução francesa, os conflitos armados internos ou guerras civis, ganharam outro contorno e passou a impulsionar mudanças radicais nas organizações sociais dos Estados. Desde então, parece que os conflitos armados passaram a ser fortemente influenciados pelas ideias que possuem as massas, pela possessão coletiva. Em vista disso, percebe-se que as guerras e revoluções dos séculos XVIII ao final do século XX, indicam a manifestação de possessões coletivas.

Contudo, o século XXI demarca o surgimento de uma nova forma de conflito armado. Desde a queda do muro de Berlim e, em 2001, o ataque terrorista às torres gêmeas nos EUA, os antigos combates entre força militares identificáveis foram gradualmente sendo

substituídos pelo terrorismo. Chegamos a guerra assimétrica e sua peculiaridade é não ter fronteiras e o inimigo ser “desconhecido”. Parece que aqueles países que possuem maior necessidade por recursos e não tem a capacidade militar de conquistá-los, seja por guerras ou pela imposição de melhores acordos comerciais, mantêm-se em condições propícias para as possessões coletivas. Surge a guerra assimétrica e nega-se a possibilidade de alterar a alternância entre os estados de guerra e paz. (VISACRO, 2018)

### 3.2 GUERRA ASSIMÉTRICA

A guerra assimétrica é caracterizada quando os oponentes apresentam enormes diferenças em capacidades militares. Assim o nível de organização, objetivos, recursos financeiros, obediência às normas internacionais são bastante diferentes. Geralmente são chamadas de guerras irregulares, pois não são travadas entre forças militares de países opostos, mas entre forças militares e guerrilhas. Entretanto, também se considera guerra assimétrica àquela travada entre potências e Estados pequenos.

O instinto ancestral da busca de poder se faz presente e os povos, continuamente, busca ficar em vantagem nas relações comerciais internacionais. Assim sendo, pelo uso da violência, ou o mais comum, pela ameaça de seu uso, impõem às condições que lhe conferem vantagens mantendo-se o desequilíbrio das relações. Outro mecanismo bastante utilizado para impor seus interesses é o uso das sanções comerciais. Países economicamente fortes podem destruir outros países com essa prática. Sorrateiramente usa-se, também, às “operações psicológicas”, nas quais, não se usa força militar em ações diretas, mas de diversas estratégias para desestabilizar a organização psicossocial de seu oponente provocando o seu colapso. (FIORI, 2018).

Dessa maneira verificamos que apesar do desejo consciente de paz de muitos povos a humanidade ainda não foi capaz de modificar os mecanismos inconscientes da seleção tecnológica. Os conflitos armados, como uma das variáveis desses mecanismos permanecem com bastante vigor, apesar de percentualmente as mortes causadas pelos conflitos armados serem bastante inferiores aos séculos precedentes. (KEELY, 2011).

No momento em que a humanidade deixa a Era Industrial para ingressa na Era da Informação, passando por rápidas e profundas alterações, devemos procurar entender, de forma objetiva, como essas mudanças afetam a natureza dos conflitos armados e impõem necessariamente uma redefinição e

uma ampliação das agendas nacionais de segurança e defesa. (VISACRO, 2018, p. 25).

Os atuais regimes democráticos, da maioria dos países do mundo, ao contrário dos antigos regimes absolutistas, caracterizam-se pelo governo do povo. Essa situação indica o imenso valor da opinião pública para a condução das políticas de Estado. Nesse contexto, as ideias circulantes ganham adeptos e definem as configurações dos governos, e a possessão coletiva mostra seu imenso potencial para produzir conflitos e conflitos armados. (VISACRO, 2018).

“A opinião pública é volúvel e o Estado se mostra suscetível às variações de tendências. A alternância dos governos eleitos pelo voto popular impõe constantes mudanças nos rumos da política nacional.” (VISACRO, 2018, p.44).

Assim sendo, considerando o constante crescimento populacional, que invariavelmente eleva as pressões sociais, mesmo nos países desenvolvidos, e às potencialidades do inconsciente coletivo, verifica-se que as populações ficam suscetíveis a ideias que carregam a promessa de escapar de uma situação de dificuldade e alcançar um maior bem-estar no futuro. Nesta situação a racionalidade é suplantada pela irracionalidade do inconsciente e o povo fica suscetível à possessão coletiva. Quanto pior a situação social, mais suscetível se torna o povo e ocorre a projeção da culpa no grupo com ideias contrárias, que se tornam oponentes, o que conduzirá ao conflito podendo chegar ao conflito armado.

Em suma, verifica-se que, na atualidade, a possessão coletiva, é um fenômeno psíquico que merece atenção e maiores estudos de seus mecanismos. As pressões do aumento populacional e escassez de recursos provocam crises sociais que possibilitam a contaminação psíquica. Verificou-se que as ideias circulantes possuem a capacidade de propiciar a estabilidade ou o colapso, e apenas pela adoção das ideias mais eficientes, de forma racional, pode-se evitar os mecanismos da seleção cultural e dessa maneira “escapar” do constante ciclo de guerra e paz.

#### 4 CONCLUSÕES FINAIS

O presente trabalho almejou entender o fenômeno psíquico que antecede e propicia o conflito armado, a partir de três questões norteadoras: (1) Qual a origem “histórica” do fenômeno “conflito armado”? (2) Qual o papel da psique na origem do fenômeno do conflito armado?, e (3) Que tipo de interação será possível fazer entre “conflito armado” e “possessão coletiva”?

Verificou-se a origem “histórica” do conflito armado pela interação de características psíquicas, exclusivas da espécie humana, e das condições ambientais. A criação da primeira ferramenta, pelos hominídeos, demarca a mudança psíquica que alterou significativamente a situação da espécie humana “dentro” da natureza (flora, fauna, minerais, elementos naturais etc.). A criação de ferramentas demanda duas capacidades únicas, o entendimento, mesmo que ainda precário neste momento, da lei de causa e efeito e da ideia de tempo, porque somente a partir dessas capacidades mínimas se faz possível, a partir de uma experiência passada em busca da sobrevivência, dedicar-se no presente, para encontrar uma solução para um problema a ser enfrentado no futuro. Os hominídeos galgaram outro patamar na cadeia alimentar ampliando as suas capacidades de acesso à comida e a proteção contra grandes animais carnívoros. Por isso, ocorreu o aumento populacional que impulsionou o esgotamento dos recursos disponíveis para se alimentar, inclusive em migrações, e os conflitos armados aparecem com maior necessidade para sobreviver.

Considerando toda a exposição da dissertação, confirma-se a hipótese formulada a partir da interação daquelas três questões norteadoras: O conflito armado, enquanto um fenômeno exclusivamente humano tem origem na psique individual e/ou coletiva, cuja “entidade” diferencia o homem dos demais animais.

Tais questões norteadoras e a hipótese formulada auxiliaram na delimitação do objetivo geral: compreender manifestações psíquicas que propiciam o conflito armado, e verificar se estes possuem relação com o fenômeno da posse coletiva. Com efeito, também delimitaram os seguintes objetivos específicos: (a) verificar se há alguma relação do fenômeno social posse coletiva com o conflito armado, e (b) descrever características individuais e/ou coletivas da psique que antecedam a posse coletiva.

Com as etapas conquistadas na construção da dissertação e a partir da percepção da dimensão do fenômeno psíquico, nos contextos sociais (atemporais), que propiciaram o conflito armado, ainda pouco trabalhados na literatura especializada, buscou-se na narrativa do presente estudo, realizar sua explicitação pela colaboração de diversas áreas do conhecimento



humano. A psique humana em si, como causa de todos os conflitos armados, possui características propiciadoras que são acionadas pela armadilha malthusiana.

Inicialmente, coube esclarecer os fundamentos metodológicos e teóricos que comporiam o pano de fundo para as posteriores elaborações. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa pela perspectiva simbólico-arquetípica, como uma possibilidade de se observar e refletir o mundo, que incorpora os elementos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do paradigma da psicologia junguiana. Entre as contribuições teóricas da psicologia complexa de C. G. Jung destacou-se o inconsciente coletivo que revela ou desvela as marcas de nossos ancestrais (humanos e não humanos), constituído pela manifestação dos instintos e arquétipos, é uma estrutura psíquica de onde provêm as influências da ação humana consciente.

Os arquétipos são, em geral, uma das formas típicas de pensar e de agir do homem, que possibilita o pensamento mítico. Os animais são dotados de instintos, entretanto os humanos, além dos instintos, são dotados de razão, e os arquétipos são as estruturas psíquicas que viabilizam o pensamento racional. Em vista disso, os arquétipos possibilitam a expressão da formação dos complexos, incluindo a complexa formação da própria Consciência do Eu, denominada também como o Complexo do Ego. Daí se deduz que o surgimento dessa estrutura psíquica (o arquétipo) foi uma condição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento posterior da “razão” no *Homo*, pois apenas no *Homo Sapiens* se desenvolve a razão.

O complexo de tonalidade afetiva são as estruturas inconscientes e culturais formadas pela influência dos arquétipos, que podem se tornar autônomos em relação ao Ego Consciente, e assumirem provisoriamente o controle e direcionar de forma contínua e imperceptível, a interação inconsciente-consciente e/ou eu-mundo nas respectivas estruturas culturais. Os casos extremos de direcionamento dos arquétipos, vimos que, culturalmente, podem ser denominados de possessões e quando atingem um grande contingente humano falamos em possessão coletiva. A partir dessa interlocução de ideias direcionou-se o estudo sobre a origem psíquica dos conflitos armados.

Assim sendo, a atividade simbólica assumiu a direção do destino humano suplantando, em parte, as exigências biológicas. Embora, o comportamento humano ainda seja influenciado pelos instintos em grau muitíssimo mais elevado que se admita na atualidade — neste caso, os cinco sentidos “ainda” estão aqui e agora para confirmarem o grau elevado de cada sentido humano, muito além de um comportamento meramente instintivo. Os arquétipos são capazes de influenciar os comportamentos, mas são impulsionados pelos instintos e adequando-se às

condições ambientais e a cultura. Essa seria a base da diferenciação entre os homens e demais animais: a capacidade de se adaptar ao ambiente a partir da atividade simbólica.

A evolução psíquica supracitada desencadeou a situação na qual o principal concorrente dos grupos humanos passou a ser outros grupos humanos. O uso inicial das ferramentas para caçar e defender-se das ameaças, posteriormente, as mesmas ferramentas, são utilizadas nos “conflitos armados” entre grupos humanos. A disputa entre os grupos é uma particularidade que nos indica as possibilidades da cooperação, enquanto traço psíquico, que caracteriza uma ação quase exclusiva entre os integrantes de um mesmo grupo. E, aqui, podemos encontrar o germe de uma “cultura humana” e, com a ampliação daquela atividade simbólica, a construção das civilizações.

As civilizações encontraram formas de amenizar a manifestação do instinto básico de agressividade diminuindo ou evitando o ato violento em suas sociedades e nas disputas com outras sociedades, conseguiram, ainda, disciplinar os conflitos armados através de códigos de condutas. A amenização da violência se deu pela adoção das crenças compartilhadas, assim verificamos que a crença enquanto uma manifestação arquetípica exclusivamente humana possui o potencial em orientar as condutas humanas, para a paz ou para a guerra. As crenças, enquanto complexo culturais, variam bastante em seus conteúdos, mas preenchem um mesmo espaço psíquico, são manifestações simbólicas arquetípicas de todos os humanos. E o conteúdo das manifestações simbólicas é de vital importância para o estabelecimento das condições de vida de uma nação.

A crença enquanto atitude religiosa inerente a todos os humanos está para além de qualquer adesão a um determinado credo religioso ou não religioso. Deste modo, trata-se de uma função psíquica do inconsciente coletivo. O Self, arquétipo da totalidade, ocupa a posição central na psique e, por conseguinte, no destino dos indivíduos. O Self é uma *Imago-Dei* que é projetada no mundo exterior em busca de sentido e significado da vida. Nossos antepassados manifestavam a *Imago-Dei* em sistemas mitológicos ou religiosos.

Entretanto, a religiosidade mal desenvolvida pode provocar a irrupção de possessões, pois a ausência da atitude religiosa consciente não extingue a manifestação do inconsciente, e, muito ao contrário, permite é a “liberdade” do inconsciente na possessão. O complexo se comporta de maneira autônoma em relação às intenções conscientes do indivíduo provocando a possessão. E, vimos que a manifestação da função religiosa, do inconsciente coletivo, pode ocorrer segundo Jung, nas seguintes possibilidades: na “religião”, nas “confissões” ou em “ideologias”. Nas “confissões” e nas “ideologias”, existe a possibilidade da manifestação de possessões pelas suas características que exclui o “bom” desenvolvimento da atitude religiosa.

Portanto, os adeptos de doutrinas ficam suscetíveis à possessão, que podem caracterizar uma possessão da coletividade. As coletividades, “possuídas”, vão abrir mão de um objetivo extramundano para abraçarem uma crença exclusivamente terrena, exaltada com o mesmo fervor das confissões religiosas, embora numa outra direção. Por isso, o fenômeno psíquico que conduz as sociedades ao conflito aparenta possuir a possibilidade de consubstanciar a “guerra” durante a possessão coletiva.

Diante disso, constata-se que o conflito armado, enquanto um fenômeno exclusivamente humano tem origem na psique cuja “entidade” diferencia o homem dos demais animais. Assim sendo, verificou-se que no inconsciente ancestral encontravam-se as bases ontogenéticas de nossa psique individual ou coletiva que na atualidade favorecem a eclosão de conflitos e conflitos armados.

Ao abordamos a questão do conflito armado relacionando sua origem a fatores psíquicos, supracitados, impõem-se a necessidade de esclarecer os pressupostos que sustentaram as proposições. Verificou-se que a agressividade, manifesta através da violência e do poder, e a cooperação, são instintos básicos herdados de nossos antepassados hominóides. Enquanto a função psíquica para a crença, também foi herdada de nossos ancestrais, porém a criação de símbolos é um traço psíquico mais recente, responsável pela formação das civilizações.

Destacou-se, assim, a existência de uma natureza humana que abriga os paradoxos da agressividade e da cooperação, e ambos participam dos atos violentos em diferentes manifestações que vão desde crimes que afetam a segurança pública até conflitos armados de larga escala. No entanto, permeando esses traços do ser do humano percebemos a maior relevância da crença, enquanto uma função psíquica inerente a todos os humanos.

A palavra crença, também é utilizada para designar os conteúdos manifestos desta atitude psíquica, desse modo, trata-se da consciência coletiva encontrada em todos os povos em todos os tempos, e apesar da ampla diferença, em suas filosofias, aprontam para a psique como sua origem.

A partir das evidências coletadas verificou-se na história da espécie humana que para além da seleção natural, nos humanos, existe a seleção artificial e a seleção cultural, ambas a propiciar a evolução, especificamente, humana. A criação da ferramenta deu origem ao conflito armado, e este apareceu como a principal pressão evolutiva destes mecanismos. A seleção artificial possibilitava que prevalecessem os grupos humanos mais desenvolvidos psiquicamente na criação e uso das ferramentas, enquanto que na seleção cultural destacam-se as crenças (complexos culturais) que regulavam a vida social e sua organização, o que

possibilitava a um grupo superar outros na corrida pela sobrevivência. Dessa forma, verificou-se que, especificamente nos humanos, o conflito armado atuou favorecendo a seleção tecnológica, ou seja, a seleção de características psíquicas e sociais, independentemente, de ser uma característica socialmente positiva ou negativa.

A armadilha malthusiana apareceu como uma constante na história da espécie desde o surgimento das primeiras ferramentas, o crescimento populacional e a consequente escassez de recursos funcionaram como gatilho acionador (potencializando) das características psíquicas, que propiciaram os conflitos armados que promovia a seleção tecnológica.

Entretanto, a revolução científica e a industrial mudaram radicalmente os modos de vida da humanidade, ao propiciar um enorme aumento populacional sem a consequente escassez de recursos. Assim, os conflitos armados da atualidade perdem o seu sentido, e apenas são possíveis pelas influências inconscientes dos nossos traços ancestrais e a ausência de uma consciência coletiva suficientemente adequada para evitar os conflitos armados em larga escala.

Contudo, como efeito colateral da revolução científica e industrial desenvolveu-se armamentos capazes de exterminar a própria humanidade. Além disso, alterou a forma que ocorrem os conflitos armados. A opinião pública ganhou enorme relevância para a guerra e para a paz. Assim, o fator crença (complexo cultural), ganhou enorme relevância, na atualidade, na promoção da guerra e da paz.

Todavia, a crença é construída a partir dos direcionamentos da função religiosa da psique inconsciente que quando reprimida possibilita, em momentos de crises sociais nas quais as massas estão mais suscetíveis, a possessão coletiva, que é o principal fator psíquico a influenciar no encaminhamento dos povos para o conflito.

A compreensão do funcionamento dos mecanismos psíquicos da possessão coletiva poderá possibilitar uma proposição para solucionar, evitar, a concretização de conflitos armados. Trata-se de uma limitação deste trabalho, que pelas imposições restritivas do tempo disponível não aprofundou os estudos de tais mecanismos psíquicos.

Paradoxalmente, parece que a atitude racionalista da atualidade é o grande entrave para os encaminhamentos humanos, que nos levem a uma solução ao conflito armado. Contudo, existe a religiosidade, uma atitude “irracional” que também é um caminho ao interior de possibilidades para apaziguar os conflitos, em níveis individuais e coletivos, sem a necessidade de exteriorizar o caminho da religiosidade em atos violentos ou em sangrentos conflitos armados.

Contudo, a atitude religiosa perdeu espaço para a atitude racional, que mantém os indivíduos suscetíveis às influências do nosso inconsciente ancestral. Assim, na religiosidade, atualmente bastante abandonada, mostra-se, sim, como um caminho para solucionar conflitos armados. Deixamos claro que não nos referimos às confissões, mesmo se verificando a possibilidade do desenvolvimento de uma atitude religiosa saudável nesta situação.

O desenvolvimento sustentável de todos os povos, pelo compartilhamento dos conhecimentos científico-tecnológicos, possibilitando escapar da armadilha malthusiana, e uma atitude religiosa autêntica, parece ser o caminho para eliminar a necessidade da seleção tecnológica, entretanto, como já alertava Jung, precisamos de mais psicologia, mais conhecimento da psique, desvendar a possessão coletiva e assim, talvez possamos finalmente viver sem conflitos armados.

Dentro da matriz religiosa cristã, como uma projeção da *Imago Dei* temos Jesus Cristo. Transformando a palavra solução, dos conflitos armados, em salvação, encerro com os dizeres de Jesus (João 14:16) como uma proposta de salvação para a humanidade: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim”. Porque, apenas pela religiosidade poderemos encontrar nossa “redenção” e a paz de espírito.

## 5 REFERÊNCIAS

- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2015.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Editora WMF, 2012.
- CHARON, Joel M, **Sociologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CORVISIER, André. **A Guerra**: ensaios Históricos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
- DAMÁSIO, António. **A Estranha Ordem das Coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Coleção Planeta Vivo (livro digital), 2009 [1859].
- DE WAAL, Frans. **Eu, primata**: por que somos como somos. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- FIORI, José Luís (Org.). **Sobre a guerra**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas, volume I**; da idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. L&PM, 2017.
- HOPPE, Hans-Hermann. **Uma breve história do homem**: progresso e declínio. São Paulo: LVM Editora, 2018.
- HULL, R. F. C.; MCGUIRE, William. **C. G. Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1982.
- JAPIASSU, H. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.
- JAMES, William; CARRILHO, Manuel Maria; MARTINHO, Fernando. **O pragmatismo**: um nome novo para algumas formas antigas de pensar. 1997.
- JUNG, C. G. **Estudos experimentais**. Obras Completas (OC). II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas (OC). VI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia do inconsciente**. Obras Completas (OC). VII/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A energia psíquica**. Obras Completas (OC). VIII/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- \_\_\_\_\_. **A natureza da psique.** Obras Completas (OC). VIII/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Obras Completas (OC). IX/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo.** Obras Completas (OC). IX/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Presente e futuro.** Obras Completas (OC). X/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos do drama contemporâneo.** Obras Completas (OC). X/2. Petrópolis, RJ: Vozes: 2011.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia e Religião.** Obras Completas (OC). XI/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Interpretações psicológicas do Dogma da Trindade.** Obras Completas (OC). XI/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia e religião oriental.** Obras Completas (OC). XI/5. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- JUNG, C. G. *et al.* **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- JUNG, Carl Gustav; DORST, Brigitte. **Espiritualidade e transcendência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- LALLEMENT, Michel. **História das ideais sociológicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- LE BON, Gustave. **Psicologia das Massas.** Livro Eletrônico. Tradução: Souza Campos, E. L. de, Niterói: Teodoro, 2013a [1895].
- \_\_\_\_\_. **As opiniões e as crenças.** Livro Eletrônico. Tradução: Souza Campos, E. L. de, Niterói: Teodoro, 2013b [1922].
- KEEGAN, John. **Uma história da Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KEELEY, Lawrence H. **A Guerra Antes da Civilização: o mito do bom selvagem.** Trad. de Fabio Faria. São Paulo: Realizações Editora, 2011.
- KLEIN, Richard G. **O despertar da cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1998 [1962].
- MALTHUS, Thomas Roberto. **Princípios de Economia Política: e considerações sobre sua aplicação prática [1820]. Ensaio sobre a população [1798].** (livro digital) São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar; MARQUES, António. **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. In: A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. (tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória). 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NAÇÕES UNIDAS (ONU). **World Urbanization Prospects: The 2018 Revision**. 2018. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>. Acesso em: 14 Jan 19.

NAGY, M. **Questões filosóficas na psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Edna M. Magalhães do. **Pragmatismo: Uma Filosofia da Ação**. Revista Redescrições, p. 2-15, 2012.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano** (I. Storniolo, trad.). São Paulo: Paulus, 2002.

PENNA, Eloisa. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

\_\_\_\_\_. **Processamento Simbólico-arquetípico: pesquisa em psicologia analítica**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2014.

SILVA, N. S. **O mito em Ernst Cassirer e Carl Gustav Jung: Uma compreensão do ser do humano**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade, Ciência Moderna & Psicologia Junguiana**. Seropédica: Ed. Da UFRRJ, 2010.

SHAMDASANI, S. **Jung e a Construção da Psicologia Moderna: o Sonho de uma Ciência**. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogma: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. São Paulo: Cultrix, 2014.

STEIN, M. **Jung: O Mapa da Alma: Uma Introdução**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARNAS, R. **A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VISACRO, Alessandro. **A Guerra na era da informação**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.



## GLOSSÁRIO

(Os verbetes abaixo foram retirados das Obras Completas de Carl Gustav Jung)

**Arquétipo:** O termo arquétipo não é uma criação de Jung, sua origem é indicada como uma “perífrase explicativa do *eidos* platônico. [...] a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos.” (OC, IX/1, § 5) Os arquétipos são “formas típicas de apreensão” (OC VIII/2, § 280) e “o inconsciente coletivo é constituído pela soma dos instintos e seus correlatos, os arquétipos.” (OC VIII/2, § 281).

**Instintos:** “Os instintos são formas típicas de comportamento, e todas as vezes que nos deparamos com formas de reação que se repetem de maneira uniforme e regular, trata-se de um instinto, quer esteja associado a um motivo consciente ou não.” (OC VIII/2, § 273).

**Complexo:** O termo aparece em Jung na expressão “*complexo de tonalidade afetiva*, (OC III, § 77)”. “A base essencial de nossa personalidade é a afetividade. Pensar e agir são, por assim dizer, meros sintomas da afetividade. Os elementos da vida psíquica, sentimentos, ideias e sensações apresentam-se à consciência sob a forma de certas unidades que, numa analogia com a química, poderiam ser comparadas às moléculas. (OC III, § 78)”. “[...] a molécula (a tonalidade etc.) ocupa um lugar na tonalidade efetiva da massa total de representações, que designamos com a expressão de complexo de tonalidade afetiva (OC III, § 81)”.

**Self ou Si-mesmo:** “O si-mesmo, como conceito empírico, designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. Mas na medida em que esta, devido a sua participação inconsciente, só pode ser conhecida em parte, o conceito do si-mesmo é, na verdade, potencialmente empírico em parte e, por isso, um postulado, na mesma proporção. Em outras palavras, engloba o experimentável e o não experimentável, respectivamente o ainda não experimentado. (OC VI, § 902)”.

**Símbolo:** Para Jung “[a alma] cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja imagem aparente provém das ideais que o consciente adquiriu. [...] O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da convicção. Ele age de modo convincente graças ao número, que é a energia específica própria do arquétipo. (OC V, § 344)”.

**Religião:** “Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: *religio*, poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosa* de certos fatores dinâmicos concebidos como “potências”: espírito, demônios, deuses, leis, ideias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados. [...] William James, por exemplo, observa que um homem de ciência muitas vezes não tem fé, embora seu ‘temperamento seja religioso’. (OC XI/1, § 8)”. “Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo ‘religião’, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. [...] Poderíamos, portanto, dizer que o termo ‘religião’ designa uma atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso. (OC XI/1, § 9)”.